

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL – UERGS
UNIDADE EM SANT’ANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO
AGROINDUSTRIAL**

ANA MILENI JAQUES DE CAMPOS

**CAMPONESAS DA REFORMA AGRÁRIA, SOBERANIA ALIMENTAR E
REINVENÇÃO DA FEIRA NA PANDEMIA DE COVID-19**

SANT’ANA DO LIVRAMENTO

2021

ANA MILENI JAQUES DE CAMPOS

**CAMPONESAS DA REFORMA AGRÁRIA, SOBERANIA ALIMENTAR E
REINVENÇÃO DA FEIRA NA PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharela
em Desenvolvimento Rural e Gestão
Agroindustrial na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cassiane da
Costa

SANTANA DO LIVRAMENTO

2021

Catálogo de Publicação na Fonte

C198c Campos, Ana Mileni Jaques de.

Camponeses da reforma agrária, soberania alimentar e reinvenção da feira na pandemia de covid-19. / Ana Mileni Jaques de Campos. – Santana do Livramento, 2021. 68 f. Orientadora: Profª. Drª. Cassiane da Costa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2021.

1. Empoderamento feminino. 2. Agroecologia. 3. Igualdade de gênero. 4. Redes Sociais. I. Costa, Cassiane da. II. Título.

ANA MILENI JAQUES DE CAMPOS

**CAMPONESAS DA REFORMA AGRÁRIA, SOBERANIA ALIMENTAR E
REINVENÇÃO DA FEIRA NA PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Desenvolvimento Rural e Gestão
Agroindustrial na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Aprovada em Santana do Livramento, 15 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Cassiane da Costa – Orientadora
UERGS

Prof^a. Dr^a. Biane de Castro
UERGS

Prof^a. Esp. Cleide de Fátima Luncks de Almeida
E.E.E.M. Antônio Conselheiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos seres de luz, que me iluminaram ao longo dessa trajetória, colocando as pessoas certas no meu caminho, para desenvolver o meu conhecimento, não permitindo que eu desistisse, me fortalecendo ao longo do caminho.

Obrigada, professora Cassiane da Costa, por me apresentar este trabalho lindo, me encarregando de dar sequência, nesse momento singular e que vivemos.

Agradeço todos os envolvidos que colaboraram para o desenvolvimento desse trabalho, principalmente, a minha família que mesmo de longe, me acompanhou.

Agradeço às mulheres do Assentamento Liberdade no Futuro, que demonstraram todo seu empoderamento para driblar esta pandemia enriquecendo lindamente meus pensamentos para escrever.

RESUMO

Protagonistas de sua história, as mulheres assentadas da reforma agrária tiveram que se reinventar na “Arte de fazer feira” para driblar a Pandemia de Covid-19 em Sant’Ana do Livramento. Em meio a um cenário caótico, busquei compreender como as camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro, em Sant’Ana do Livramento/RS, reinventaram a feira e promoveram a soberania alimentar durante o período de Pandemia. Em abordagem metodológica, entrevistei três feirantes, utilizando ferramentas digitais como Google Meet, WhatsApp e e-mail e para duas feirantes apliquei questionário presencialmente, totalizando cinco entrevistadas. Compreender a reinvenção da “Arte de fazer feira” pelas protagonistas em tempos de Pandemia de COVID- 19, é algo surpreendente e realizador. Assim como entender as relações entre a atuação dessas camponesas e a soberania alimentar que se dão na quebra de paradigma do modelo convencional para o modelo agroecológico, transcendendo barreiras impostas pela sociedade capitalista, machista e patriarcal. Sintetizei o conceito de “Feminismo Camponês Popular” expressando sua importância para a soberania alimentar nesse contexto. “A Arte de Fazer Feira” transcende barreiras impostas pela Pandemia, e vai além. As feirantes reinventaram a feira dentro de uma logística organizada utilizando as redes sociais. Empoderadas, elas fomentam a discussão sobre Feminismo Camponês Popular, abordado de diferentes formas, pelas camponesas. A mulher camponesa é plural, luta pela igualdade de gênero, pelo reconhecimento do trabalho executado no campo, a conquista de seus direitos e garante a produção de alimentos limpos para a população local. Unidas e organizadas elas garantem a soberania alimentar em tempos difíceis, disponibilizando um alimento de qualidade com valor nutricional elevado, ajudando a aumentar a imunidade daqueles que consomem seus produtos.

Palavras-chave: empoderamento feminino; agroecologia; igualdade de gênero; redes sociais.

RESUMEN

Protagonistas de sus propios cuentos, las mujeres asentadas en la reforma agraria tuvieron que reinventarse en el “Arte de hacer feria” para evitar la pandemia del Covid-19 en Sant’Ana do Livramento. En medio de un escenario caótico, busqué entender cómo las campesinas del Asentamiento Libertad en el Futuro, en Sant’Ana do Livramento/RS, reinventan la feria y promueven la soberanía alimentaria durante el período de la Pandemia. En un enfoque metodológico, entrevisté a tres mujeres, utilizando herramientas digitales como *Google Meet*, *WhatsApp* y correo electrónico, y para dos mujeres apliqué un cuestionario en persona, totalizando cinco entrevistadas. Entender la reinención del “Arte de hacer feria” por parte de las protagonistas en tiempos de la Pandemia COVID-19 es algo sorprendente y gratificante. Lo mismo es comprender la relación entre el desempeño de estas campesinas y la soberanía alimentaria que se produce en el cambio de paradigma del modelo convencional al modelo agroecológico, trascendiendo las barreras impuestas por la sociedad capitalista, sexista y patriarcal. Sinteticé el concepto de “Feminismo Popular Campesino” expresando su importancia para la soberanía alimentaria en este contexto. “El arte de hacer feria” trasciende las barreras impuestas por la pandemia, y va más allá, las mujeres han reinventado la feria dentro de una logística organizada a través de las redes sociales. Empoderadas, fomentan la discusión sobre el feminismo campesino, abordado de diferentes formas por las campesinas. La mujer campesina es plural, lucha por la igualdad de género, por el reconocimiento del trabajo que se realiza en el campo, la realización de sus derechos y garantiza la producción de alimentos limpios para la población local.

Palabras-clave: Empoderamiento femenino; Agroecología; Igualdad de género; redes sociales.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2	OBJETIVOS
.....	12
2.1	Objetivo
geral.....	12
2.2 Objetivos específicos.....	12
3 JUSTIFICATIVA	13
4	REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA.....	15
4.1 O direito dos povos na definição de suas próprias políticas e estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos.....	15
4.2 A luta das feirantes de Cerro dos Munhoz pelo sentido da vida e a manutenção de seu território.....	18
4.3 Sobre o Feminismo Camponês Popular: a Luta Diária da Mulher Camponesa em Defesa de seu Território e dos Saberes Tradicionais.....	21
5 METODOLOGIA.....	25
6 RESULTADOS.....	28
6.1 A arte de se reinventar das feirantes transcende barreiras impostas pela pandemia e vai além.....	28
6.2 A importância da mulher camponesa para a soberania alimentar em tempos de pandemia.....	34
6.3 Não há agroecologia sem “Feminismo Camponês Popular”	38

07 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
APÊNDICES.....	47
APÊNDICE A – Roteiro de questões.....	47
APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas.....	49

1 INTRODUÇÃO

Busco compreender o processo de empoderamento das mulheres que fazem feira em tempos de pandemia. Todo alimento tem uma história pra contar, um cenário, atores e protagonistas. Quero falar sobre as protagonistas do Assentamento Liberdade no Futuro, localizado em Sant'Ana do Livramento. Estas camponesas com consciência da importância do plantio e do cultivo agroecológico, em um sistema que valoriza as famílias e o meio ambiente, priorizando o manejo natural, permitindo que a natureza faça por ela mesma. Por este motivo o alimento tem seu diferencial, saber aguardar o tempo do alimento junto com a manifestação da natureza, seguindo os princípios da vida.

Para elas é importante sentirem-se incluídas fazendo parte da produção e poder compartilhar um alimento limpo, livre de qualquer agrotóxico com seus clientes. Quebrando paradigmas, pois aqui não se utiliza o modelo convencional, tratando veneno como se fosse remédio. Qualidade de vida se percebe quando o(a) agricultor(a) come o que planta para vender e não planta separado para o seu consumo. O alimento agroecológico pode ser utilizado por inteiro sem preocupação com casca, caule e folhas, há uma imensidão de possibilidades que enriquecem o paladar e uma consciência de focar na diversidade, gerando laços de confiança entre os clientes e as feirantes, a agroecologia é biodiversa e transmite uma conexão com a natureza.

Em meio à Pandemia de Covid-19, as protagonistas responsáveis por fazer feira no município tiveram que se reinventar de maneira estratégica para driblar os obstáculos impostos pela propagação do vírus. Com o distanciamento social imposto pelas medidas emergenciais de enfrentamento da Covid- 19, necessárias para manter o controle do vírus entre a população, ocorreu o fechamento do comércio por algum tempo, tornando inviável fazer feira neste período de forma tradicional. Por este motivo, as camponesas do assentamento “Liberdade no Futuro” decidiram articular uma teia, ramificando seus(suas) clientes, de maneira que pudessem seguir atendendo de forma *online*, tomando todos os cuidados necessários.

Como protagonistas de sua realidade, elas buscam alternativas para resolver seus problemas, facilitando os processos para que os atores possam

protagonizar no seu território. Estas mulheres empoderadas promovem um processo de transformação junto a suas famílias, capaz de provar na prática com seus conhecimentos e saberes a importância do plantio e cultivo num sistema que valoriza as famílias e o meio ambiente. Inseridas em um universo amplo que reconhece que a alimentação, está ligada à nutrição, assim como a produção agroecológica é essencial para uma mudança no estilo de vida. Deixo claro meu respeito à luta das camponesas no resgate da autonomia com a valorização da agricultura familiar e da agroecologia, a busca pelo reconhecimento das famílias camponesas na garantia da soberania alimentar.

As camponesas da reforma agrária entrevistadas nessa monografia desenvolvem um papel importante na garantia da soberania alimentar em tempos de Pandemia de COVID-19 em Sant'Ana do Livramento. Um processo inovador em construção coletiva para transformar a "Arte de Fazer Feira" (ALENDE, 2020). As protagonistas da feira precisaram se reinventar para garantir um alimento de qualidade na mesa dos(as) seus(suas) clientes, respeitando os protocolos de distanciamento e higienização. A responsabilidade de produzir um alimento limpo, livre de agrotóxicos e que gere renda para manter suas famílias sempre foi mérito da mulher camponesa, muitas vezes invisibilizada pela sociedade machista. Porém, guerreiras e empoderadas, lutando por uma filosofia de vida, nunca se deixando abater, pois é delas o conhecimento e o saber fazer.

A luta pela igualdade de poder entre homens e mulheres impulsiona os movimentos populares da Via Campesina, essas mulheres se reconhecem como camponesas, feministas e popular, porém, elas precisam dizer aos demais, qual a sua importância neste contexto (TÁBOAS, 2018). Entendo o quanto é importante a luta pela alimentação saudável, pelo direito a terra, o cuidado na manutenção da biodiversidade, das sementes, da água, dos alimentos cultivados. Elas cuidam dos bens que o meio ambiente nos proporciona.

Os movimentos populares também atuam no enfrentamento de um agravante que é a violência contra a mulher no campo, principalmente neste momento de isolamento, pois a violência aumentou. Ser feminista no campo, enquanto camponesa e popular, significa ter bandeiras de luta que faz parte da

vida das mulheres, do cotidiano destas guerreiras que lutam para pôr a comida na mesa, pela educação, por ter documentos. Feminismo para estas mulheres é sinônimo de autonomia, cidadania e popular porque é do povo, o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) é popular, faz parte do povo e as mulheres devem se apropriar, se identificar, se reconhecer enquanto feministas (TÁBOAS, 2018).

A relação dessas mulheres enquanto camponesas está diretamente relacionado à preservação do território, ao sentido da vida, a manutenção da biodiversidade onde se afirma um projeto nos princípios da produção agroecológica, deixando de lado todos os entraves que a agricultura convencional vem causando. Uma luta travada em benefício dos povos, do patrimônio natural, do direito pela alimentação saudável, direito à informação, a formação das mulheres que vivem no campo. O feminismo é algo plural e tem sido a mola propulsora na garantia da soberania alimentar e do empoderamento da mulher no campo.

Nesse contexto, busquei responder a seguinte problemática: Qual é o papel das camponesas da reforma agrária na promoção da soberania alimentar durante a Pandemia de COVID-19?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender de que forma as camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro, em Sant'Ana do Livramento/RS, reinventam a feira e promovem a soberania alimentar durante o período de Pandemia de COVID-19.

2.2 Objetivos específicos

Compreender a reinvenção da “Arte de fazer feira” pelas protagonistas em tempos de Pandemia do COVID- 19;

Entender as relações entre a atuação dessas camponesas e a soberania alimentar que se dão na quebra de paradigma do modelo convencional para o modelo agroecológico;

Sintetizar o conceito de “Feminismo Camponês Popular” e expressar sua importância com ações relacionadas à agroecologia e à soberania alimentar no meio rural e urbano .

3 JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa nasceu a partir da necessidade de dar sequência ao trabalho chamado “A Arte de Fazer Feira” (ALLENDE, 2019) feito com as feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro em Sant’Ana do Livramento em 2020. Entendo o quanto é importante falar de soberania alimentar, um assunto pouco pesquisado, muitas vezes colocado em segundo plano por uma cultura capitalista que é baseada em monoculturas e simplificação na produção e envenenamento. Forjado em um ideal de segurança alimentar, a humanidade vem consumindo veneno nos alimentos e pagando um preço alto com câncer e outras doenças que estão intimamente associadas à alimentação.

Então é nesta perspectiva que coloco a importância da agricultura camponesa e suas características diversas, pois seus produtos visam à reprodução de suas famílias em primeiro lugar. É fundamental para estas camponesas a questão da produção agroecológica, com qualidade e diversidade. Desejo compreender como estas mulheres camponesas, conseguiram se reinventar em tempos de Pandemia De COVID-19, para entregar seus produtos com todos os cuidados necessários aos(às) clientes, garantindo um alimento saudável na mesa destas pessoas que sabem valorizar o saber fazer destas guerreiras que lutam por sua autonomia.

É muito gratificante para mim, abordar este assunto, pois sempre tive consciência dos cuidados necessários com a alimentação em benefício da saúde. Quando iniciei minha jornada na unidade local da UERGS aprendi muito, e sigo buscando conhecimento. Entendo a importância de empoderar-se e lutar pela reforma agrária, ter a soberania alimentar como princípio e como direito dos povos, compreender a labuta diária das mulheres camponesas, enquanto: feministas e popular. Sintetizando uma abordagem que explique da melhor forma possível à importância do feminismo popular na garantia da soberania alimentar.

Acredito que a falta de pesquisas sobre o assunto nos torna alienados, pois sem conhecimento, nos tornamos reféns das imposições forjadas por um sistema capitalista que só visa lucros, monopolizando o sistema alimentar atual e dificultando a inserção do campesinato na sociedade. Está nas mãos da

humanidade o lugar da sociedade no futuro, quem vai determinar este lugar não são os(as) camponeses(as), porque eles(as) sim lutam intensamente por este ideal, mas sim, a sociedade, é ela quem vai dizer qual o lugar do campesinato no sistema alimentar. Apoiando a necessidade de fazer a reforma agrária e frear a liberação indiscriminada de agrotóxicos e transgênicos que estamos tendo hoje no Brasil, onde a metade dos agrotóxicos que estão sendo despejados todos os dias no solo, nas águas e na comida. Muitos desses estão proibidos na Europa, e alguns até mesmo no Japão, a civilização precisa decidir qual futuro quer. Se quisermos uma geração saudável com água limpa, passarinho cantando, borboleta voando e abelhas polinizando, vamos ter que apostar na agricultura camponesa, pois a agricultura convencional já nos mostrou que não é capaz de entrar em harmonia com esses elementos.

Uma mudança de paradigmas se faz necessária neste momento, e quem está inserido e preocupado em produzir em um sistema agroecológico, são os(as) camponeses(as). A agricultura convencional domina a sociedade, precisa se libertar. A população, de uma maneira geral, entende que a luta pela terra é terrorismo, anarquismo, qualquer coisa menos a realidade, trabalhadores(as) decentes, que tem um projeto de dignidade que extrapola seu projeto pessoal, porque quando você tem uma sociedade onde tudo está devidamente repartido, você tem uma sociedade democrática.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 O direito dos povos na definição de suas próprias políticas e estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos

Quando falamos sobre o tema soberania alimentar ele nos remete a algo muito novo e aparece colocado na pauta da sociedade a partir de uma discussão sobre o que nós temos de um conceito pretérito que é da segurança alimentar. Qual é a diferença? qual é o conteúdo fundamental da soberania alimentar e da segurança alimentar? É muito importante que a sociedade como um todo compreenda a diferença. O conceito de segurança alimentar foi forjado pela ONU por organismos multilaterais nos anos 1970 no contexto da Revolução Verde. Foi uma promessa para humanidade que a mudança técnica na cultura acabaria com os problemas da fome no planeta e resolveria os problemas do campo, porque historicamente os camponeses são o grupo social mais fragilizado na sociedade (PAULINO, 2015).

Nesse contexto cunhou-se o conceito de segurança alimentar, que vinha, portanto, com essa promessa que não se cumpriu. Ao contrário do que se prometia, a segurança alimentar embalada no contexto da Revolução Verde provocou expropriação do campesinato, aumento dos famintos no planeta, provocou utilização excessiva de veneno, deterioração do solo, e de ecossistemas (PAULINO, 2015).

O conceito de soberania alimentar é bem mais complexo, porque ele não é pensado como um conceito que trata só a problemática do alimento no mercado, ele trata do problema da produção, do consumo e da comercialização dos alimentos, dentro de uma cadeia que não exclui os(as) camponeses(as). Dentro da perspectiva somente do abastecimento do mercado, você tem o conceito de segurança alimentar, ele se presta perfeitamente a esse papel. É com este discurso de segurança alimentar que nós temos por exemplo hoje a transgenia avançando, as monoculturas avançando, e tudo isso é absolutamente danoso. Primeiro para a sociedade que consome os alimentos, e segundo para os(as) camponeses(as), que produzem alimentos, porque eles não têm escala para produzir dentro de uma lógica de mercado instalada pelas

corporações. Elas são as únicas beneficiadas com esse processo de monopolização da produção da comercialização de alimentos quase sempre envenenados sem qualidade e sem nenhum compromisso com as populações locais.

Então, o conceito de soberania alimentar é um contraponto, e está colocado em pauta pelos movimentos camponeses. Ele se dá em escala global e tem esse apelo da diversidade, e da diferença de pensar na produção de alimentos. Como uma consequência de modos de vida que estão associados localmente que tem vinculações, raízes locais, e que tem compromissos, comprometimentos locais, porque podem mudar o problema da fome no planeta resgatando a possibilidade dos(as) camponeses(as) se inserirem localmente porque se eles se inserem localmente eles geram renda local. Eles geram alimentos saudáveis na perspectiva dos mercados locais no máximo mercados regionais e isso favorece a sociedade local e regional (PAULINO, 2015).

É assim que se elimina a fome, não é tendo mais alimento no mercado, porque não basta ter alimento no mercado. As pessoas precisam ter renda para comprar e não é qualquer alimento, é um alimento saudável, é uma comida associada às tradições, à cultura daquelas populações locais e regionais. Não é só produzir comida, mas sim produzir empoderamento, autonomia, autonomia tecnológica (PAULINO, 2015).

Então o conceito de soberania alimentar é esse complexo que vai muito além do resultado final agricultura. Ele está associado ao modo de vida e à dignidade de quem produz os alimentos e de quem consome. Portanto, ele elimina os atravessadores das corporações que por um lado depreciam o preço do que é comprado do(a) agricultor(a). Lá na frente eles aumentam o preço para os consumidores. Então as duas contas pagam, transferindo uma renda para essas corporações, que estão na intermediação da produção, e são as principais responsáveis pela fome do planeta hoje.

A agricultura convencional capitalista é uma agricultura baseada em monoculturas e simplificação na produção e envenenamento em alta escala. Em geral, podemos esquecer que estes produtos são alimento. Sabemos que hoje toda a produção vinda da agricultura convencional está contaminada por

veneno. E a sociedade quer continuar ingerindo veneno? O desejo das pessoas é simplificar cada vez mais a ingestão de nutrientes, fracionando tudo, para mais tarde pagar o preço com câncer e outras doenças que sabemos que estão diretamente relacionadas ao modo de vida, associadas à alimentação.

Por sua vez, a agricultura convencional deixa claro sua incapacidade de produzir sem veneno em um sistema agroecológico, se mantendo em harmonia com o meio ambiente. Em contrapartida, a agricultura camponesa agroecológica vem com uma característica diferente da agricultura convencional porque seus produtos visam à reprodução de suas famílias. As pessoas estão em primeiro lugar, esses(as) camponeses(as) zelam pela produção de alimentos saudáveis com qualidade e diversidade.

A agricultura camponesa tem muita potencialidade, porque ela reúne a capacidade de um grupo social em produzir com saberes a favor e em conjunto com o ecossistema e não contra o ecossistema. Mas para isso, a sociedade também deve reunir forças e lutar junto aos(às) camponeses(as), defendendo esse projeto. Toda a perspectiva de futuro da sociedade está lançada na possibilidade de uma mudança de cultura, uma quebra de paradigmas. Quando deixarmos para trás os padrões da agricultura convencional, e aderirmos à agricultura agroecológica. A sociedade vai ter que entender que para produzir alimentos de qualidade, vamos precisar abrir mão de padrões estéticos, pois muitas vezes aquele alimento bonito está totalmente contaminado por veneno.

Sofremos também com as falácias em decorrência do aquecimento global, pois os agrocombustíveis produzidos pelas monoculturas e as plantações de árvores que acabam por sua vez sufocando a soberania alimentar. Bem sabemos que o real responsável pelo aquecimento global é a agricultura industrial, produzindo monoculturas com veneno e lotando as estradas com suas cargas de commodities.

A sociedade deve apoiar a reforma agrária porque enquanto a terra estiver concentrada, teremos produção de alimentos concentrados. E quanto mais concentrada a produção de alimentos, mais artificial ele vai ser. Quanto mais artificial ele for, aumenta a possibilidade de produzir a um preço menor, porque é produzido em larga escala e com veneno. Já os(as) camponeses(as) não possuem condições de produzir em larga escala, porém, costumam produzir alimentos sem venenos e em harmonia com a natureza.

O contexto de soberania alimentar, nos deixa claro que para existir soberania alimentar em igualdade para todos(as), é necessário a participação da sociedade, pois é ela quem vai decidir o futuro de suas próximas gerações. Também é necessária uma reforma agrária justa, priorizando os(as)camponeses(as) e uma produção de alimentos em harmonia com a Mãe Terra, com respeito ao ecossistema, sem degradação e exploração. Esse é um processo civilizatório que está nas mãos da humanidade, pois ela é quem vai decidir. É dentro desta perspectiva que se encontra a agricultura camponesa, pois ela já está inserida no ecossistema, produzindo em harmonia com a Mãe Terra.

Gostaria de dar espaço especial às mulheres camponesas, muitas vezes invisibilizadas. Elas se mantêm firmes em seu propósito de vida, buscando trabalhar em harmonia com o meio ambiente, preservando cuidadosamente o espaço em que vivem e preparando os produtos a serem comercializados na feira. Estas mulheres são peças fundamentais na produção agroecológica, pois elas zelam pela produção sem veneno, garantindo um alimento de qualidade para sua família e consumidores. Podemos considerar, com certeza, que isso é garantia de soberania alimentar. “É isso, ‘*lugar de mulher é onde ela quiser*’, inclusive na feira.” (ALLENDE, 2019, p.91,92). As mulheres são as verdadeiras protagonistas da “Feira do Produtor”, mesmo quando são esquecidas até no nome da feira. Essas camponesas do Cerro dos Munhoz são protagonistas da soberania alimentar.

4.2 A luta das feirantes de Cerro dos Munhoz pelo sentido da vida e a manutenção de seu território

Início buscando trazer aqui um pouco da monografia da Renata Allende (2019): quem são as feirantes do assentamento, apresentar suas histórias e lutas, a contribuição delas na construção da feira camponesa no município e a importância da feira para elas.

A partir de Allende (2019), entendo que as camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro, conhecido como Cerro dos Munhoz (ou as mulheres do Cerro, como dizem serem conhecidas a feirante e assentada Ana)

é fundamental para o desenvolvimento das feiras camponesas em Santana do Livramento e para a garantia da soberania alimentar. A labuta diária destas mulheres com relação ao meio em que vivem é de suma importância, pois elas estão inseridas no sistema agroecológico, lutam de forma zelosa para continuar, enfrentam todas as adversidades impostas pelo sistema convencional, não se deixando influenciar. Desde a década de 1990, quando foram as primeiras famílias assentadas da reforma agrária a chegarem ao município, até hoje, os alimentos de qualidade saem dos lotes para as mesas da cidade, muitas vezes através das feiras.

O processo de estruturação das feiras da reforma agrária no município foi um trabalho conquistado por homens e mulheres, onde todos/as trabalhavam de maneira coletiva e integrada. Porém, a luta das mulheres na continuidade da feira é o que as torna referência como feirantes. Além de sentirem o estímulo da necessidade de sustentar suas famílias, elas demonstram garra e empenho para alcançar e manter a autonomia financeira em relação ao grupo e aos companheiros. (ALENDE, 2019, p.13).

Um processo de empoderamento feminino, que leva essas guerreiras a diante e fomenta o desejo das demais, para elas é muito importante saber que podem contribuir no sustento da família e ter uma independência financeira, o trabalho diário que envolve cuidar da família, da casa, a lida no campo, a preparação dos produtos a serem comercializados e a logística de comercialização destes é algo bastante desgastante (ALENDE, 2019). Porém, elas não desistem e estão sempre inovando, participando de reuniões e ações coletivas em busca de apoio e apoiando as demais.

Quando nos deparamos com grandes extensões de campo, o que é característico da região da Pampa, produzindo sempre os mesmos commodities, nos remete a algo desproporcional, desigual. Uma desigualdade gritante e desoladora, neste momento que devemos nos questionar sobre a importância da reforma agrária no país, sobre o lugar do campesinato na sociedade, e qual é o lugar da sociedade que queremos para futuro. Os(as) camponeses(as) historicamente são responsáveis pelo alimento limpo, produzido sem veneno e cabe à sociedade decidir o futuro que desejam para as próximas gerações. A luta da mulher camponesa precisa ser reconhecida, é

hora de sair dos bastidores e enfrentar a desigualdade, o machismo, confiar no poder feminino e passar a ser protagonistas de sua história.

Falar da mulher camponesa é dar vida ao campo, é transcender o olhar que se tem sobre a Pampa vasta e solitária e colocar pessoas nesse contexto histórico tão fortemente direcionado à figura do homem, do gaúcho, em detrimento das mulheres e prendas deste cenário. Valorizar a vida camponesa e, sobretudo às mulheres, é compreender o porquê das tantas lutas e enfrentamentos por uma melhor condição de vida no campo, é colocar o/a camponês/a como agente social importante e essencial para a garantia de vida no campo e na cidade (ALLENDE, 2019, p.14).

A agricultura convencional já mostrou que não é capaz de produzir sem veneno em harmonia com o ecossistema. Em contra partida, os(as) camponeses(as) que estão inseridos(as) no sistema agroecológico e já fazem isto historicamente, têm a mulher camponesa como eixo fundamental nesta prática. É ela quem costuma zelar pela qualidade do alimento que vai para mesa de sua família e o excedente da produção que é vendido, é produzido com o mesmo cuidado, como mostra Allende (2019) a partir das falas de suas entrevistadas.

Quando chegamos à feira e nos deparamos com toda aquela variedade de produtos, diversidade de cores e sabores, que encantam nossos olhos, agradando nosso paladar, e nos envolve naquele instante de interação. Tudo ali é produzido manualmente, os alimentos, os doces, os pães, os artesanatos. Tudo feito manualmente pelas mãos das camponesas, com muito carinho e dedicação, o saber fazer adquirido de geração em geração, mostra o saber e fomenta a cultura camponesa entre os(as) mais jovens.

Sabemos que a agricultura camponesa é responsável pelo alimento limpo que chega à mesa do(a) consumidor(a). Este alimento tem uma história. Até chegar ao(a) consumidor(a) final, ele passou por vários processos, desde a preparação da terra para o plantio, até colheita. As pessoas que trabalham com esses alimentos também têm história, e histórias de luta, como podemos ver na fala abaixo da Ana, sem-terra, hoje assentada com orgulho e feirante, como ela se define para Renata Allende, em 2019.

Eu gosto, eu sou feliz, eu sou realizada com minha vida. Só que hoje eu tô muito preocupada com a minha filha, só com minha filha (lágrimas). Mas eu tô realizada Renata, eu me lembro que quando eu tava acampada a gente sofreu muito, debaixo de barraco, sem

banheiro é o que mais sentia falta. Apesar da fome e do medo, do frio, mas... Eu nem sei se vou falar Renata... (uma pausa para tentar conter a emoção). Naquela vida tudo era ruim, a gente não tinha um banheiro pra tomar banho, não tinha um tanque pra lavar roupa, dentro daqueles açudes, com aquelas mulheres que faziam fila lavando roupa em cima de umas tabuinhas, era muito difícil. Aí o meu sonho era um dia ter a minha casa, o meu banheiro, a minha família bem, e quando a gente conseguiu a casa eu fiquei tão feliz. Eu agradeço a Deus todo dia pelo que eu tenho, apesar de não ter muita coisa, mas pra mim é tudo. Meus filhos cresceram e a gente tem que ter ambição pra poder viver, tu conquista uma coisa hoje e amanhã tu já quer outra. Eu já tinha minha casa e meus guris foram estudar, a Tati casou. E eu queria que os guris se formassem e pudessem comprar um carro pra eles, agora os guris têm, cada um tem o seu. Eu sei que isso não é nada diante do capitalismo, mas pra gente viver a gente precisa ter isso Renata, isso é uma forma de viver melhor, porque ninguém vive hoje sem ter uma casa confortável, entende? Comida na mesa, uma cama boa pra dormir. Eu não quero mais do que isso. Eu to realizada, muito feliz. Eu acho que a minha casa é a casa mais bonita do mundo, imagina? Dá uma olhada (mostra ao seu redor). Não tem nada, mas pra mim tem tudo! Eu não sou aquela pessoa ambiciosa que sonha em ser rica, ter isso e aquilo, não, eu acho que não vale a pena, não é isso a felicidade. Felicidade pra mim é ter o básico pra viver, saúde e paz na família (entre muitas lágrimas) (Entrevistada Ana em ALLENDE, 2019, p.44).

Poucos sabem que é possível cultivar um alimento sem veneno, e que nem toda a produção agroecológica possui certificado. Existe uma grande parte da produção que não é certificada, pois nem todas as famílias possuem condições para certificar sua produção. As feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro produzem um alimento limpo, livre de veneno e sem certificação. Elas contam com a confiança de seus(suas) clientes, quem as conhece, sabem da trajetória de luta traçada ao longo dos anos na busca pelo reconhecimento do trabalho e preservação da mãe terra.

Para finalizar esse item, quero trazer uma passagem de Allende (2019, p. 16): “[...] Neste período de aprendizagem e crescimento profissional e pessoal, iniciei minha militância junto aos grupos estudantis, feministas, Movimento Sem Terra e outros engajamentos sociais que me foram permitidos pelo “espaço Universidade”. Renata Allende, sempre engajada, deixa claro sua luta por justiça social, apoiando os movimentos de esquerda, apoiando as lutas camponesas.

4.3 Sobre o Feminismo Camponês Popular: a Luta Diária da Mulher Camponesa em Defesa de seu Território e dos Saberes Tradicionais

As mulheres camponesas vivem em um combate diário contra a desigualdade e a violência no campo e na cidade. Unidas pelo propósito de lançar luz ao trabalho realizado por elas, começaram a se organizar em movimentos sociais autônomos. O feminismo camponês popular surgiu daí, da mobilização, da discussão coletiva e das necessidades cotidianas de mulheres camponesas. Esse conceito surgiu nas reuniões de camponesas brasileiras integrantes do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), e hoje é reconhecido por todos os movimentos sociais que fazem parte da Via Campesina, entre eles o MST.

O feminismo é algo plural. Na perspectiva do feminismo camponês popular, a luta é voltada à defesa da equidade de gênero, da classe trabalhadora, do campesinato e da Agroecologia. Esse é o conceito de feminismo que a Via Campesina assumiu para si. O feminismo que luta pela equidade de gênero, combatendo a violência contra a mulher do campo, visando o empoderamento feminino, a conquista de seus direitos e a visibilidade da mão de obra feminina no campo (TÁBOAS, 2018).

O MMC tem como marco principal o encontro nacional realizado em 1995, conforme informações da coordenadora Rose este encontro não foi o primeiro, “houve duas tentativas anteriores que ela afirma terem recusado, pois não deram conta, não é fácil” (Rose em TÁBOAS, 2018, p. 21). Essa autora reforça a lembrança viva da formação do MMC, a luta pelo espaço e diálogo em defesa das mulheres camponesas, representada pela cor lilás. Conforme Rose, o lilás representa o feminismo e simboliza a inteligência (TÁBOAS, 2018). Conectar-se com a mística do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) é algo único e transformador, um processo humanitário que acolhe, transforma, empoderando vidas, combatendo as adversidades em defesa da biodiversidade. Uma evolução ideológica, cultural e intuitiva que a mulher camponesa coloca em prática, aliada as forças da natureza (MMC BRASIL, 2010).

[...] de valorização e libertação da mulher camponesa; de defesa da classe trabalhadora; que leva o nosso movimento a apaixonar as mulheres pela causa da libertação, centrado no compromisso com a justiça, no compromisso com a vida dos pobres e no compromisso com a organização popular; de luta contra a exploração, contra a

violência, contra a discriminação e dominação; que desperta em nós a necessidade de lutar por nossa dignidade e nossos direitos; que cria em nós a necessidade de organização e de autonomia; que combate o machismo e desperta para a necessidade de construção de novas relações de igualdade; que respeita nossa história de luta, nossa diversidade cultural, nossas experiências construídas e nossos símbolos regionais e nacionais; de relação e de defesa da natureza, das sementes, biodiversidade (MMC BRASIL, 2010).

A mulher camponesa tem um compromisso com seu território, defende a reforma agrária e o fim do latifúndio, combatendo o capitalismo colonial e extrativista que historicamente vem saqueando as terras, extraindo as riquezas naturais, uma apropriação indevida que com o passar dos anos se tornou uma prática “normal”, assim como também, muitas vezes, é percebida como “normal” a violência que as mulheres camponesas vêm sofrendo. Os movimentos organizados pelo MMC servem para repensar sobre o que queremos enquanto feministas e enquanto popular, uma luta buscando emancipação e mais liberdade para construção de um movimento cada vez mais forte contra o sistema capitalista e patriarcal que oprime a mulher do campo, não valorizando seu trabalho na produção, no cuidado com as sementes, os cuidados com a família e reprodução, além do tempo dedicado a militância (Rose em TÁBOAS, 2018).

O livro *Feminismo Camponês Popular* lançado em 2020, vem trazendo reflexões a partir de experiências do MMC, com mulheres camponesas que falam sobre as suas lutas pelo reconhecimento de seu trabalho, e o direito à liberdade de expressão. Historicamente a mulher vem sendo esquecida, deixada de lado e discriminada pela sociedade machista que impera até os dias de hoje, também no campo. Pensando em mudar o cenário atual o MMC vem articulando movimentos expressivos para dar luz à mulher camponesa, verdadeira protagonista no campo, zelando pelos bens naturais e nos proporcionando alimentos saudáveis de qualidade (MUNARINI; CINELLI; CORDEIRO, 2020, p. 33-34).

Vivemos em uma sociedade com desigualdade de gênero, raça e classe social, em uma prática dominante de dar ao homem todo o reconhecimento dos resultados obtidos no trabalho realizado em conjunto, sendo que as atribuições são divididas, em sua maioria. Muitas vezes, a mulher faz grande parte do trabalho na casa e na lavoura, na horta e na agroindústria, porém quem

costuma levar o crédito é o homem. Vários movimentos sociais tem estruturas para dar apoios às mulheres que, muitas vezes, não encontram uma mão estendida em outros locais.

A mulher camponesa não desiste de sua militância em busca de uma sociedade mais humana e justa. O reconhecimento do trabalho desenvolvido por elas é algo que transcende, pois vai além da produção dos alimentos, é o saber fazer, a tradição dos povos camponeses passada de geração em geração, buscando a troca de saberes entre elas e adaptando conforme suas necessidades (Rosangela em TÁBOAS, 2018). O saber fazer é algo valioso, não pode ser deixado de lado, é graças ao conhecimento e práticas de manejo com a natureza, utilizadas pelos camponeses que ainda temos alimentos limpos, livre de agrotóxicos para pôr na mesa de nossas famílias, nos mantendo saudáveis, pois a agricultura convencional já deixou claro que não é capaz de produzir sem veneno.

Este ano de 2021, em especial o Assentamento Liberdade no Futuro completa 30 anos. Pioneiros(as) na região, abriram caminho para os(as) demais. Símbolo de resistência, o assentamento fixou moradia na região do Cerro dos Munhoz, iniciando suas atividades. Com as feiras a população local que não eram acostumados com tanta diversidade de alimentos, pois na região predominava o consumo de carne arroz, feijão e tubérculos como mandioca e batata doce. Desde então, começaram a inserir na sua alimentação diferentes produtos como verduras, frutas, legumes e derivados do leite, enriquecendo seus hábitos alimentares.

5 METODOLOGIA

Escolhi como Método de Estudo o estudo de casos múltiplos. Como ferramentas, realizei cinco entrevistas com auxílio de roteiro de questões, e também utilizei fotografias de um grupo de *WhatsApp* de uma das feirantes. Por meio de ferramentas digitais, à distância, e de maneira presencial, na feira, foi possível realizar o diálogo com as camponesas feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro. Selecionei as entrevistadas conforme os contatos salvos de trabalhos de pesquisa anteriores.

Realizei as entrevistas com Lucimara, Carmem e Marli, utilizando diferentes tecnologias digitais com as entrevistadas. Com Lucimara, fiz o primeiro contato pela ferramenta de rede social *WhatsApp*, conversamos e combinamos que eu enviaria por e-mail o roteiro de questões (ver Apêndice A) para preenchimento, assim o fiz. Algumas dúvidas sobre as questões foram dialogadas via *WhatsApp*, após o responder, Luci, como carinhosamente chamamos, me devolveu via *WhatsApp* o roteiro de questões, devidamente preenchido, conforme solicitado, em 13 de janeiro de 2021.

Com a Carmem, foi diferente. No dia 15 de abril de 2021, a entrevista foi via Google Meet, com três participantes: Carmem, professora Cassiane e eu. Marcamos uma data e horário, chegando o dia, acessamos o link criado pela ferramenta Google Meet, e começamos nossa reunião online.

Carmem, não só respondeu ao roteiro com quatorze questões, como também enriqueceu o trabalho com suas valiosas informações. A entrevista teve uma duração de aproximadamente duas horas, sendo toda ela gravada para facilitar a transcrição de todos os detalhes. Faço uma observação ao sinal de internet que se manteve estável por todo o tempo, levando em consideração, que a Carmem estava no Cerro do Munhoz, rural de Santana do Livramento, considero um bom sinal, pois parece que a tecnologia está se aproximando mais do campo.

Com a Marli, utilizei a ferramenta de rede social *WhatsApp*. Combinamos que eu colocaria as questões uma por vez, conforme sua disponibilidade de tempo ela iria respondendo. No dia 26 de maio de 2021, pela manhã começamos a entrevista. Marli conseguiu responder três questões pela

manhã, como ela tinha seus afazeres, retomamos a entrevista à noite, quando Marli me respondeu dez questões, ficando apenas uma questão para ser respondida no outro dia pela manhã. Em três etapas finalizei a entrevista com a Marli, satisfeita.

Em 27 de abril de 2021, terça-feira, me desloquei até o terminal de ônibus, localizado na avenida Tamandaré, para entrevistar pessoalmente Loreci em seu dia de fazer feira. Como trabalho em local público, assim como é a forma de fazer feira dela e de Fátima, entendo que essas entrevistas presenciais não aumentaram os riscos de contágios de Covid-19. Além disso, essas duas entrevistas presenciais foram realizadas com os cuidados necessários, usando máscara, distanciamento e álcool gel.

Cheguei ao local e falei com Loreci, solicitando a realização da entrevista naquele momento, pois era meu intervalo de almoço, em seguida precisava retornar ao trabalho. Prontamente, Loreci me atendeu, respondendo atentamente as quatorze perguntas da entrevista. que durou aproximadamente uma hora e meia. Me despeço agradecendo a disponibilidade de Loreci em fornecer a entrevista, nesse momento de pandemia em que vivemos. Loreci fala: “Espero ter ajudado, não tenho muito estudo”. Respondi a ela que sua contribuição com as respostas é rica em experiência e saberes.

Dando sequência às entrevistas, no dia 28 de abril de 2021, quarta-feira, dia de Fátima fazer feira, vou pessoalmente até o terminal de ônibus e solicito à Fátima uma entrevista. Sempre prestativa com as demandas dos(as) universitários(as) da UERGS, em especial, estudantes orientados(as) pela professora Cassiane, que estão sempre interagindo com as feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro, Fátima prontamente se coloca à disposição para responder as questões. Neste dia estava bem friozinho, deu para sentir um pouco do que as feirantes sentem no dia a dia de fazer feira. Fátima respondeu as quatorze perguntas do roteiro nos mínimos detalhes, colaborando de forma enriquecedora com a pesquisa.

Deixo registrado aqui uma observação quanto à forma de escrita, pois em vários momentos da escrita falo na primeira pessoa, o envolvimento com a pesquisa é tão grande que é impossível não interagir manifestando meu comprometimento com o tema. Ao dialogar com as feirantes me sinto conectada com o dia a dia delas, incluída em suas lutas diárias, pois não é fácil

ter o reconhecimento do seu trabalho, quando se é mulher, a desigualdade de gênero esta em todo lugar, seja no campo ou na cidade.

6 RESULTADOS

6.1 A arte de se reinventar das feirantes transcende barreiras impostas pela pandemia e vai além

As camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro construíram ao decorrer de anos de trabalho como feirantes, laços de confiança com seus(suas) clientes que nem mesmo a pandemia de COVID- 19 conseguiu abalar. Neste momento de distanciamento social e cuidados com o risco de contaminação pelo vírus, foi necessário montar uma estratégia coletiva para atender à distância as necessidades de seus(suas) clientes e amigos(as) que continuavam a buscar por seus produtos.

Algumas mulheres seguem fazendo a feira de maneira presencial nos pontos como de costume, como Fátima e Loreci. Outras assumiram a feira das mulheres idosas da família, como Marli que assumiu a feira de Oliva, levando também os produtos de Ivani, e Luci que assumiu a feira da sogra Ana, que era realizada em um ponto e passou a ser feita via encomendas por grupo WhatsApp e entregas realizadas de casa em casa. Já Silvana passou a ficar em casa com as crianças e seu marido César assumiu a feira da família. Nesse período de pandemia de Covid-19, Rute também começou a fazer feira e Carmen passou a mobilizar a entrega dos produtos de um grupo de mulheres para dois destinos fixos e entregas de casa em casa. A primeira mudança na pandemia, conforme Carmen, foi a proteção das feirantes com mais de 60 anos, que passaram a ficar em casa. No Quadro abaixo podemos visualizar as mudanças que ocorreram na organização das feiras das mulheres de Cerro dos Munhoz, mulheres do Cerro como são conhecidas, com a Pandemia de Covid-19.

Quadro 01 – Assentadas de Cerro dos Munhoz feirantes antes e durante a Pandemia de Covid-109

Antes da Pandemia de Covid-19'	Durante a Pandemia de Covid-19'
<p>Ivani Roncai (Feirante há décadas, fazia feira no Terminal de ônibus da Tamandaré, estava em processo de parar a feira)</p>	<p>Marli Cupsinski (faz feira no Terminal de ônibus da Tamandaré, assumiu a feira da mãe e também traz alimentos da Ivani, que não fazem mais feira.)</p>
<p>Oliva Cupsinski (Feirante há décadas, fazia feira no Terminal de ônibus da e na Casa do MST, estava em transição para a filha Marli)</p>	<p>Lucimara Bueno (É nora da Dona Ana, assumiu a feira dela, agora as encomendas são por grupos WhatsApp e as entregas são feitas de casa em casa)</p>
<p>Lúcia Lunks (Feirante há décadas, fazia feira na Casa do MST e entregava os alimentos de casa em casa)</p>	<p>Carmen Vedovatto (Organiza as encomendas por WhatsApp, busca os produtos nas casas e entrega na Casa do MST, em casa em Rivera do Grupo de Economia Solidária Feminista e de casa em casa. Traz os produtos das assentadas Clair, Lurdes, Beatriz, Marli, Rute, Oliva, Cleide e Nira).</p>
<p>Ana Picollo (Feirante há décadas, fazia feira em uma casa no Bairro Armour e na Casa do MST)</p>	<p>Fátima Rade (Continua fazendo feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)</p>
<p>Fátima Rade (Feirante há décadas, fazia feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)</p>	<p>Silvana Bertoti (Na pandemia ficou em casa com filhos e o marido César segue fazendo feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)</p>
<p>Silvana Bertoti (Feirante há anos com o marido César, faziam feira no Terminal de ônibus da Tamandaré, assumiram a feira de Sueli e Vilmar, pais de César, feirantes por décadas no mesmo local.)</p>	<p>Loreci de Matos (Segue fazendo feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)</p>
<p>Loreci de Matos (Feirante há anos, fazia feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)</p>	<p>Rute Schepp (Começou a fazer feira no Bairro Armour)</p>
<p>Carmen Vedovatto (Feirante há anos, fazia feira na Casa do MST)</p>	

Fonte: Elaboração própria com base das informações das entrevistadas.

Agora, neste momento em que vivemos, em meio a uma pandemia, cuidados extras foram acrescentados a esse processo. A logística de comercialização teve que se adequar aos protocolos de segurança. O vírus, COVID-19 chegou de forma desoladora, fazendo centenas de milhares de vítimas no Brasil. As feirantes, por sua vez, tiveram que reinventar de forma estratégica a feira, utilizando as redes sociais como meio de comunicação, para interagir com seus (suas) clientes. A partir daí foi possível montar uma logística para a entrega dos produtos, respeitando o protocolo de distanciamento social. Essas mulheres usaram toda sua garra para manter suas famílias neste momento tão difícil pelo qual passamos. Além dos cuidados com a produção e fabricação dos alimentos, agora elas precisavam ter cuidados redobrados na higienização, utilizar máscara, álcool gel e manter o

distanciamento. Os(as) clientes, acostumados(as) a pegar no produto, para escolher, agora não podem mais. Em respeito ao protocolo de segurança, a feirante é quem pega e mostra, com os cuidados necessários. Em casos de entrega de produtos em famílias com pessoas com Covid-19, os cuidados são redobrados. Nesse caso, Lucimara, por exemplo, solicita que o(a) consumidor(a) que está com Covid-19 faça o pagamento por Pix ou transferência bancária para reduzir a possibilidade de contágio.

Em 13 de janeiro de 2021, entrevisto Lucimara, nora de dona Ana, uma das mais antigas feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro, Lucimara tomou a frente da feira, pois a matriarca Ana passou a ficar em casa para se proteger em decorrência do Covid- 19. Dona Ana que sempre foi a protagonista da feira na família, agora fica em casa, organizando tudo para a feira e sua nora Lucimara informa os produtos, anota as encomendas, participa na preparação da feira e faz as entregas de casa em casa. Ela foi uma das primeiras que conseguiu se organizar com grupo de WhatsApp, que hoje é um sucesso, aumentando consideravelmente as vendas e acabando com as sobras de produtos da feira.

Na imagem abaixo está uma arte feita por Ágatha, nora de Ana, e compartilhada no grupo de WhatsApp Feira da Dona Ana, que continua a dar nome ao grupo.

**Sexta-Feira é dia de
Feira de Produtos
Coloniais dos Picollo's**

Entregue no Conforto da
sua casa, utilizando de
todas as medidas de
prevenção ao Covid.



**ENTREGA GRATUITA NAS
COMPRAS ACIMA DE R\$ 20,00.**

**Chame no WhatsApp
(55)999115966 e faça seu
pedido até hoje á tarde.**

Imagem 01 – Propaganda é a alma do negócio. Fonte: Grupo de WhatsApp Feira da Dona Ana, 2021.

Identifiquei o uso das TICs (tecnologias de comunicação e informação) pelas feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro. Conforme Escosteguy (2019), TICs englobam tanto a mídia tradicional, com meios como rádio, televisão, jornal e revista, e a nova mídia, com computadores, tablets, smartphones e a própria internet. Essas ferramentas facilitam a troca de informações, especialmente durante a pandemia. Sabemos das dificuldades que o espaço rural enfrenta com relação às tecnologias, o difícil acesso, estradas em péssimas condições. Porém, o acesso à internet tem sido algo inovador, que veio para ficar e mudar o dia a dia dos(as) camponeses(as). Conforme Castells (1999), a internet tem poder de comunicação atrelado à informação.

Levando em consideração o cenário atual, as feirantes fazem uso das redes sociais para se comunicar com seus clientes e amigos(as), interagindo à distância. Em várias pesquisas as TICs são percebidas com bom potencial para contribuir no desenvolvimento rural no Brasil, seja na abertura de novos

mercados, seja no turismo rural, na qualificação dos agricultores, na melhoria da gestão das propriedades, etc (CONCEIÇÃO, 2016).

Em entrevista realizada online, via Google Meet, no dia 15 de abril de 2021, com a assentada Carmem, que também é professora aposentada, ela me conta as principais alterações na “Arte de Fazer Feira” que o grupo das feirantes teve que fazer para dar continuidade ao trabalho. Solicitei a Carmem, que me contasse um pouco sobre as feirantes que faziam feira antes da pandemia e quais ainda estão fazendo, durante a pandemia e como está sendo a reorganização das feiras, pelas feirantes. Ela me disse que a questão da feira é uma herança, e não pode parar. Desde que chegaram aqui em Livramento há trinta anos, uma das atividades econômicas que o assentamento encontrou foi o cultivo de alimentos e a comercialização em feiras para ter uma renda a curto prazo, pois as outras atividades, eram a longo prazo. As feiras sempre tiveram um bom resultado.

Carmem relata que uma das primeiras feirantes foi a Lúcia Almeida. A Lúcia sempre fez feira, ela levava os produtos nas casas, há muito tempo. “Ela tem gente conhecida nos hospitais, nas padarias, nos consultórios, tem pessoas que a gente não sabe quem é, mas a Lúcia sabe quem é e onde mora” (Carmem). Conforme a entrevistada, Lúcia ia em muitos lugares levar os produtos e conseguia uma boa renda para contribuir com as necessidades da família. Há algum tempo, Lúcia passou a feira para Cleide, sua filha. Cleide faz parte do grupo da Carmem, ela repassa seus produtos para serem entregues pela Carmem na quarta-feira, conforme as encomendas dos clientes no grupo de *WhatsApp*. A seguir, lista dos produtos do grupo da Carmem.

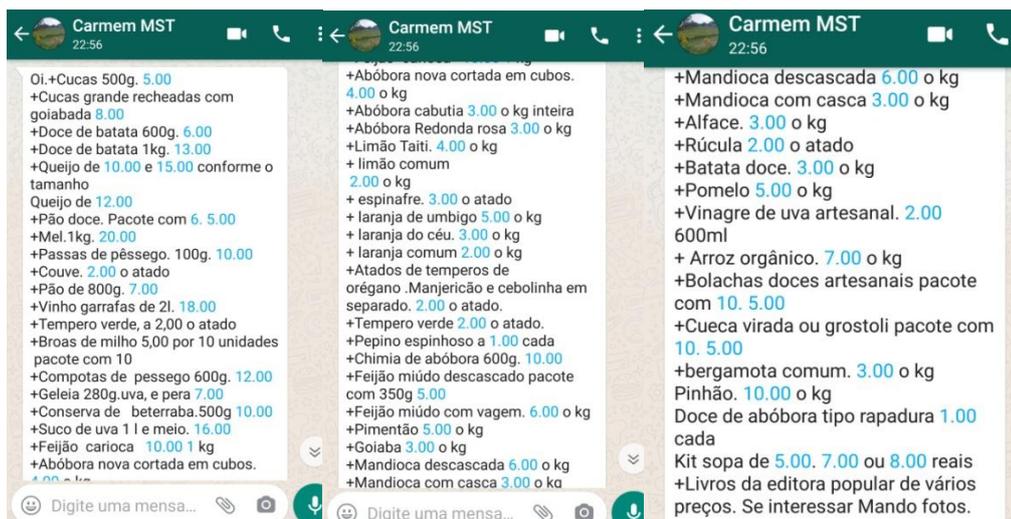


Imagem 02 – Lista de produtos. Fonte: Grupo de WhatsApp Feira da Carmem, 2021.

Assim, Carmen passou a fazer feira mais frequentemente após a aposentadoria como professora, de forma a fortalecer a feira como possibilidade de renda e de autonomia no assentamento. Ela encaminha aos(as) clientes com antecedência um a lista de produtos disponíveis, recolhe os produtos de casa em casa e entrega na cidade, no ponto de feira que o grupo tem há alguns anos na Casa do MST, ou diretamente nas casas de quem encomenda. As mulheres também integram um grupo de economia solidária feminista, sendo que entregam também alimentos na casa de uma apoiadora de Rivera, onde outras pessoas vêm buscar. Como diz Carmem “Não dá lucro, mas é divertido”. Ela se refere às altas despesas com combustível para levar os produtos na cidade, principalmente porque o combustível vem subindo de forma considerável nos últimos meses, e as despesas com manutenção do carro nas estradas que costumam estar mal conservadas. Diante desses problemas, Carmen relata que o que motiva é que as mulheres que estão em casa a empurram para continuar. Ela lembra de Oliva que diz que não podem parar a feira.

Conforme Carmen, outra mulher que sempre fez feira no assentamento é a Ivani Roncai. “Ela que descobriu aqui no assentamento que era importante fazer feira, ela puxou a frente na família dela, muitas vezes em conjunto com a Olívia” (Carmen). A Olívia junto com a Lúcia, desde o início fazia feira no terminal, conforme relata Carmen. O terminal de ônibus foi um ponto de feira que gerou bastante conflito com a vigilância sanitária. Carmen lembra que eles

faziam fiscalização e retiravam os produtos delas, produtos como o leite, manteiga, queijos.

O leite nós vendemos desde que chegamos aqui, sempre foi o nosso meio de sobrevivência, sempre vendemos o leite na feira que tinha na Secretaria da Agricultura. Chegou uma época que a vigilância sanitária começou a cobrar, e tiravam delas o que não era permitido, muitas vezes tinha conflito (Carmen).

A Fátima sempre faz feira no terminal, conforme Carmen ela continuou durante a pandemia com os cuidados necessários e tem menos 60 anos. “Os dias que estava muito feia a questão do vírus, ela não vinha. Ela se cuida bastante”. O legado da Fátima é “A Feira é para Sustentar a Casa, e o Leite é para Pagar as Dívidas” (Carmen).

Loreci, cunhada da senhora Ivani, faz feira na terça-feira no terminal de ônibus há 10 anos, em consequência da pandemia, ficou um tempo sem fazer feira. Ela retornou agora e foi a única entrevistada que não utiliza as redes sociais para as encomendas. Ela só vende o que traz para a feira, não tem entregas de encomendas prévias. A feirante Loreci tem se organizado para fazer feira quando tem outros compromissos na cidade. Assim, ela segue fazendo feira quinzenalmente, pois diz que o combustível está caro e o desgaste do automóvel nas péssimas estradas prejudica muito a feira.

Em entrevista com a Marli no dia 26/05/2021, ela me falou sobre a necessidade de se reorganizar na pandemia, só ia para cidade as feirantes que tinham menos problemas de saúde e eram mais jovens. Além disso, foi montada uma estratégia para fazer as entregas coletivas, e as freguesas também se reorganizaram me diz Marli. Criaram grupos de whats e Facebook para realizar as vendas, criaram também, o grupo de economia feminista solidária. As entregas começaram a ser feitas de casa em casa, e na casa da apoiadora no Uruguai. Marli acrescenta que esses grupos criados serviram também para fazer trocas, vendas e para socorro das famílias em vulnerabilidade social. Elas arrecadam alimentos, roupas e calçados, arrecadam também valores para pagar água, luz e aluguel. E também socorrem mulheres em situação de violência doméstica. Então houve uma organização entre o campo e cidade.

6.2 A importância da mulher camponesa para a soberania alimentar em tempos de pandemia

As mulheres camponesas do assentamento Liberdade no Futuro, mais uma vez demonstram sua garra e determinação, driblando todas as dificuldades impostas pela pandemia, garantindo o alimento de qualidade na mesa das famílias Santanenses. Foi possível identificar nas entrevistas o empoderamento do grupo de mulheres feirantes, unidas pelo propósito de amenizar os impactos causados pela pandemia, elas se reorganizaram, se estruturaram de uma maneira surpreendente. Tiveram a ideia de criar grupos de WhatsApp, adicionando seus clientes e amigos para oferecer seus produtos de forma dinâmica interagindo com notícias do dia a dia.

Organizadas em grupos, listaram todos os produtos que poderiam oferecer, divulgando no grupo de *WhatsApp*, assim como imagens dos doces que estão sendo preparados, dando água na boca de quem vê. A “Feira Dona Ana” manteve o nome da matriarca Ana, que conta com a ajuda de suas noras: Luci e Ághata para dar conta das publicações no grupo. Esse grupo vai muito além do objetivo de vendas, nele também publicam informações sobre o Covid-19, quais são os próximos grupos de vacinação, se envia mensagens de otimismo, etc. Um momento muito marcante foi a foto da dona Ana recebendo a primeira dose da vacina, seguida de mensagens de carinho e empatia dos demais.



Imagem 03 – Dona Ana recebendo a primeira dose da vacina para Covid-19. Fonte: Grupo Feira da Dona Ana, 2021.

Esse grupo criou uma relação de sociabilidade entre os integrantes, ou fortaleceu a já existente. Quando os produtos são entregues nas casas, logo após são acrescentados a uma receita e as fotos vão surgindo no grupo, dando origem a comentários e a laços de amizade que vão se formando. As feirantes não só conseguiram manter suas famílias durante a pandemia, como também deram sua colaboração à população local que passa por situação de vulnerabilidade social. Elas sabem a importância da alimentação de qualidade em tempos de Covid-19.

Hoje as feirantes são fornecedoras do projeto “Tem Gente com Fome em Livramento” e participam de todas as doações de alimento via MST e Coperforte. O dia 1º de maio de 2021, “Dia do Trabalhador” foi marcado por

uma importante ação das feirantes junto ao MST e Coperforte. A doação de duas toneladas de alimentos produzidos nos assentamentos de reforma agrária do município, destinados ao projeto. Estes alimentos junto a outros alimentos arrecadados em “Drive-Thru Solidário”, entre outras doações foram destinados às famílias que estão em situação de vulnerabilidade social, assim como também, as famílias das mulheres que estão em situação de medida protetiva, por motivos de agressão por parte dos companheiros, e que precisam de cestas básicas.

Esse projeto do qual faço parte tem o objetivo de amenizar a fome dos santanenses que se agravou desde o início da pandemia, trabalhadores(as), se organizaram, disponibilizando um pouco de seu tempo as ações sociais, cada um contribui como pode, levando solidariedade as famílias carentes, distribuimos cestas básicas em bairros e vilas da cidade, realizando o cadastro das famílias mais numerosas e vulneráveis, priorizando sempre as que tem o maior número de crianças. Hoje nosso cadastro tem em torno de 200 famílias, se faz o possível para atender a todas. As entregas de cestas básicas são feitas nos finais de semana, muitas vezes atendemos solicitações de urgência fora dos dias de entrega, pois o governo municipal não atende a todos os necessitados do município.

O cadastro feito com as famílias também serve para oferta de mão de obra/ trabalho, anotamos o que cada um sabe fazer para elaborar currículos e enviar para possíveis vagas de trabalho em aberto no município. Acreditamos que o caminho para dignidade dessas pessoas é o trabalho, ter acesso à aquisição de alimentos, devolve a dignidade das famílias, devastadas pela situação atual pandêmica que vivemos.

O projeto conta com produtos das feirantes para enriquecer o valor nutritivo das cestas básicas com a inclusão de frutas, verduras, legumes e pães. Sabemos bem a importância de um alimento de qualidade, com valor nutricional, para todas as pessoas. Em tempos de pandemia, dar acesso à alimentação saudável deveria ser prioridade dos governantes, infelizmente não acontece. A pandemia por sua vez, agravou um problema enorme, político, que já existia no país, a fome, não existe uma política de acesso a alimentos e falta

acesso aos alimentos de verdade, produzido pela agricultura familiar, pois somente a agricultura familiar produz alimentos no país, os grandes latifundiários produzem produtos para exportação. Uma política de abastecimento se faz necessária, deveria ser colocada como prioridade, assim como o acesso à terra e o direito dos povos de produzir seu próprio alimento e para os demais.



Imagem 04 – Produtos entregues para a campanha Tem Gente com Fome por mulheres do assentamento. Fonte: Arquivo de Cassiane da Costa, 2021.

As camponesas feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro têm objetivos que vão muito além de lucratividade. Elas se preocupam com as outras pessoas, buscam contribuir com o enfrentamento da fome e levar alimentos de qualidade a todos(as) os(as) consumidores(as) amigos(as), conforme aparece na fala de Fátima: “A mulher segue lutando da mesma

forma, ela não se entrega, está sempre lutando para produzir algo saudável em benefício de todos”. Nesse mesmo sentido, é a fala de Luci:

O papel da mulher na garantia da soberania alimentar é fundamental, pois somos nós que sempre queremos o melhor para a família e nosso entorno. Não que os homens também não queiram, mas na maioria das vezes eles sempre querem o mais produtivo e nem sempre o produtivo nos traz benefícios à saúde (Luci).

A preocupação de entregar alimentos limpos, de qualidade e no mesmo padrão que consomem em casa é comum entre elas. Em pesquisa realizada com cinquenta camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro e em outros próximos, Bom Será, Paraíso II, Ibicuí, Santa Rita II, Capivara, Roseli Nunes e Santo Ângelo, constatou-se que é diversa a produção de alimentos nos lotes, e que as mulheres tem papel central nessa riqueza, mostrando preocupação com a produção de alimentos de qualidade e livres de contaminantes (COSTA et al, 2018). Nesse sentido, a entrevistada Marli lembra que são as mulheres que mais trabalham com as ‘miudezas’, além de preparar a alimentação das famílias.

Essas mulheres tem um papel importante para a defesa da soberania alimentar, principalmente em tempos de Pandemia de Covid-19. Nesse sentido, Luci ressalta que a alimentação saudável contribui para manter o corpo saudável e a imunidade alta. Já Loreci mostra satisfação por poder oferecer aos(às) clientes amigos(as) uma produção saudável, natural e de qualidade, contribuindo com o fortalecimento da saúde deles(as), especialmente nesse período difícil que enfrentamos.

6.3 Não há agroecologia sem “Feminismo Camponês Popular”

Feminismo Camponês Popular é o conceito que a Via Campesina assumiu para si. Esse é o feminismo que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, o feminismo que luta pela classe trabalhadora, que luta pelo campesinato, com base na agroecologia. Entretanto, ele é desconhecido pelas mulheres camponesas entrevistadas, que fazem parte do Movimento de

Trabalhadores Sem Terra (MST), integrante da Via Campesina. Ao entrevistar as feirantes pude observar que o termo “Feminismo Camponês Popular” soa bonito nos ouvidos das delas, entretanto, é algo novo. Em entrevista com a Carmem ela me diz:

Eu gostei dessa frase. Desde que eu comecei a participar do movimento, tem essa discussão de gênero, sabiamente, as pessoas discutiam no sentido da valorização da mulher, pelo que ela é, e o que ela pode fazer, inclusive, dando espaço nas instâncias do movimento, nas responsabilidades, tanto nas atividades femininas, como masculinas. Mesmo sabendo que na prática, não existe este espaço, mas, sempre se faz o esforço de incluir as mulheres em tudo. Lutar pelo feminismo hoje em dia, está muito atual. Eu pensei que com o tempo não seria mais necessário discutir o feminismo, pensei que os jovens já iam crescer entendendo isso, mas parece que não. Por incrível que pareça, é preocupante, que estes valores que estavam lá no passado, voltem na cabeça dos jovens. Infelizmente, não estamos livres das pessoas não acreditarem na igualdade de gênero.

Na fala acima, Carmen mostra que entende a necessidade de lutar pelo feminismo, um feminismo voltado à realidade das mulheres camponesas do MST. Nesse movimento social misto, conforme ela lembra, existe um forte trabalho na busca da igualdade de gênero. Entretanto, possivelmente o termo feminismo camponês popular não seja utilizado massivamente nas atividades do setor de gênero ou essas mulheres não estejam participando dessas atividades. Vejamos a seguir a fala de Antônia em Táboas (2018).

Fui estudar Agroecologia pelo MMC no Sul, eu ainda não entendia direito, não sabia o que rolava, tinha preconceito, discriminação contra o MST, por exemplo. Lá fui entender outra relação: porque os Movimentos se organizam, porque as mulheres do Movimento precisavam se organizar. Em determinado período, foi decidido pela coordenação do Movimento que as mulheres tinham que se organizar, decidiram que um dia da semana era para as mulheres estudarem feminismo, Movimento de Mulheres Camponesas, e fazer o debate político do projeto de agricultura camponesa, que passamos a chamá-lo de Projeto de Agricultura Camponesa Agroecológica Feminista e Popular (Antônia em TÁBOAS, 2018, pg. 30).

Conforme Táboas (2018) “É LUTA” mesmo, a força da mulher camponesa que luta pelo plural, pelo coletivo, em um misto de indignação pela falta reconhecimento do trabalho no campo, que não costuma ser valorizado. Na fala da coordenadora Zélia em Táboas (2018), é possível identificar a necessidade da luta pelos direitos das mulheres:

A força e a união, lutamos por um objetivo só, o poder em igualdade para todas [...] Fortalecer as bases, as mulheres as nossas lutas, né? Nossas lutas são muito grandes e muito travadas, porque chegamos nos órgãos e nem somos recebidas. Temos que fazer um travamento, não brigar em tapas, é em palavras, procurar nossos direitos, porque se não a gente não procurar nossos direitos, cidadão nenhum vai nos dar, muitas vezes somos barradas por procurar nossos direitos: “ah... lá vem as mulheres briguentas”. Não, não somos briguentas, estamos procurando nossos direitos e seguir nossa reta, somos fortes (Zélia, em TÁBOAS, 2018, pg. 64).

Sabemos que lutar pela equidade de gênero se faz necessário, pois vivemos em uma estrutura de sociedade capitalista, patriarcal, colonial e racista, onde historicamente o machismo impera, não deixando espaço para as mulheres.

“Patriarcado é o homem que acha que é o dono de tudo, que acha que a mulher tem que andar como um avestruz com a cabeça dentro da terra, que nasceu só pra cozinha, cama e mesa” (Maria do Carmo, em TÁBOAS, 2018, pg. 84).

Precisamos lembrar que é a mulher camponesa que costuma trabalhar em harmonia com a natureza e o ser humano, preservando seu território e os saberes tradicionais, pois a ela foi atribuído socialmente à responsabilidade pelo cuidado. A mulher camponesa luta pela alimentação saudável, pelo direito à terra, pela manutenção da biodiversidade, das sementes, o cuidado com a horta, com a água, com os bens que a natureza nos dá, luta pelo enfrentamento a violência doméstica. Tudo isso faz parte do cotidiano da mulher camponesa, inclusive a luta pela educação e por documentos.



Imagem 05 – “Hoje vai sair uma chimia de abóbora”. Fonte: Grupo do WhatsApp da Dona Ana, 2021.

Feminismo é autonomia, cidadania para mulher e popular porque é do povo, não fica separado, é de domínio popular. Ele é chamado camponês porque é voltado à realidade das mulheres camponesas, foi por elas criado, nas suas lutas pela valorização do campesinato e da agroecologia. Todas as entrevistadas foram unânimes ao declarar que a defesa do território contra o avanço dos males do modelo neoeextrativista, vem por parte das mulheres. Nesse sentido, Fátima diz que sempre lutou para produzir sem agrotóxicos. Ela comenta que está sitiada pela soja, cultivada pelos vizinhos, o que acaba contaminando sua horta. “A invasão da monocultura é um problema para nós” (Fátima).

São elas que se impõem e resistem à invasão dos venenos e outros males desse modelo no assentamento. Como diz Carmem:

O papel da mulher é fundamental. Se a mulher tem como ajudar a plantar, colocar a sua mão na produção, ela tem condições ajudar para que a soberania alimentar se fortaleça, tanto no sentido de sobrevivência de sua família, como no repasse dos seus alimentos para outros. A mulher não pode ficar quieta, só obedecendo, o que o marido diz, ela precisa ir além, participar, sua emancipação depende disso.

Para Luci, Feminismo Camponês Popular é extremamente importante, pois, conforme ela, a naturalidade feminina sempre busca a melhor forma de vida para todos e todas em sua volta. Para Loreci, quando a mulher produz um produto limpo, livre de veneno, garante o bem-estar e a saúde daqueles(as) que consomem esse alimento. Nas suas palavras:

Na nossa horta não se põe nada de veneno, tudo é natural. Esse é o nosso diferencial, não produzimos com veneno. Nossos clientes e nossas famílias se alimentam de um produto limpo. [...] A mulher é fundamental para a produção do alimento limpo, é ela que preserva seu território, não permitindo o uso de veneno, sempre lutando pelo direito à Terra, à informação, ao sustento de nossas famílias (Loreci).

Em diálogo com a Marli, ela ressalta que acredita que o Feminismo Camponês Popular é a libertação das mulheres, além da garantia do consumo de alimentos saudáveis e de boa saúde. Quando falamos de alimentação saudável, estamos falando de produção agroecológica, alimento limpo, produzido pela agricultura familiar e disponibilizado nas feiras pelas feirantes. “É isso, *‘lugar de mulher é onde ela quiser’*, inclusive na feira.” (ALLENDE, 2019, p.91,92).

Em tempos de pandemia precisamos parabenizar todas as camponesas feirantes santanenses pela garra e determinação que tiveram para se estruturar, criando grupos de *WhatsApp*, organizando toda uma logística para efetuar as entregas, proporcionando a seus clientes e amigos acesso aos produtos da agricultura familiar. Sem a organização dessas mulheres, isso não seria possível. Elas vão à luta, se posicionam na defesa da equidade de gênero, mostram que têm autonomia e contribuem com a construção da agroecologia e da soberania alimentar no território. A frase de Fátima resume bem essa realidade: “A mulher segue lutando da mesma forma, ela não se entrega, está sempre lutando para produzir algo saudável em benefício de

todos”. Enfim, embora seja um termo que as camponesas entrevistadas não se apropriaram por enquanto, elas efetivamente vivem o feminismo camponês popular no dia a dia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a tempos difíceis, onde vivemos um cenário desolador acometido por um vírus cruel e mortal, o COVID-19, que amedronta a população mundial, identificamos camponesas feirantes atuando como protagonistas em meio ao caos para garantir que a alimentação saudável chegue a seus(suas) clientes e amigos(as). As feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro se reinventaram de maneira organizada, montando grupos de *WhatsApp*, divulgando listas com seus produtos, estruturando toda uma logística, otimizando o tempo para as entregas feitas com segurança na cidade.

Constatei nitidamente nas camponesas feirantes entrevistadas um empoderamento feminista que transcende barreiras impostas pela pandemia, buscando por um diferencial capaz de inovar e transformar o modelo tradicional de fazer feira. Quando Renata Allende fala sobre “A Arte de Fazer Feira”, concordo plenamente, pois realmente é uma Arte. Essas mulheres feirantes protagonizam como verdadeiras artistas, atuando brilhantemente em um cenário caótico, responsáveis pelo alimento limpo, que chega até mesa da população, garantindo a soberania alimentar. Cuidadosamente, organizadas em grupos elas recebem seus pedidos, organizam as entregas a domicílio e nos pontos de entrega. Enfim, embora elas não tenham muita familiaridade, com o termo feminismo camponês popular, elas concretizam em suas práticas o seu significado.

Elas também prestam assistência à população que está em situação de vulnerabilidade social, pois as feirantes se destacam no fornecimento de alimentos junto ao MST e à Coperforte para o projeto “Tem Gente com Fome em Livramento”. Juntos(as), doaram para a campanha no dia 1º de Maio de 2021 (Dia do Trabalhador), duas toneladas de alimentos produzidos pela agricultura familiar. O projeto do qual faço parte, entrega cestas básicas em bairros e vilas da cidade para população carente. Entregamos mais do que cestas básicas, entregamos também nosso carinho e solidariedade aos(às) necessitados(às), listamos também seus dados para futuras vagas de trabalho que possam surgir. Algumas dessas camponesas também participam da

organização geral do projeto. A solidariedade é característica do MST. Em Santana do Livramento, as famílias assentadas costumam dividir o que tem com quem precisa, distribuído alimentos, roupas, dignidade, etc.

Considero a capacidade de se reinventar que as feirantes carregam consigo um misto de dignidade humana, atrelado ao respeito pelo território em que vivem e fundido aos saberes tradicionais, buscando sempre por seus direitos. É de conhecimento geral, que em uma sociedade machista e patriarcal, como no Brasil, a mulher camponesa tem que lutar pela igualdade de gênero e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido no campo, por este motivo tantos enfrentamentos, elas lutam por seus direitos. Entre eles, listo o direito à terra, a produzir seu próprio alimento e para os demais, em harmonia com o meio ambiente, o direito à vida e ao bem viver.

Para mim estudante, realizar esse trabalho de conclusão de curso com as feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro foi algo que me deixou realizada. Entender um pouco da luta da mulher camponesa para produzir os alimentos dentro da agroecologia, buscando visibilidade para seu trabalho e sua vida no campo, me fez refletir sobre as desigualdades. Infelizmente o patriarcado e o machismo não permitem que o(a) jovem do campo se desenvolva. Porém é algo que precisamos trabalhar nas próximas gerações, assim como a política de abastecimento no país, garantindo o direito a produzir, comercializar e consumir alimentos limpos em quantidade e qualidade para todos e todas, o que não existe. Vivemos em uma constante crise social, agravada pela pandemia atual, onde comida de verdade, que é produzida por famílias camponesas, infelizmente, não é valorizada. Precisamos nos empenhar na luta para mudar isso, nesse sentido temos muito a aprender com essas camponesas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLENDE, R. M. “**A arte de fazer feira**”: o papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras em Sant’Ana do Livramento/RS. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Santana do Livramento, UERGS, 2019, 104p.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONCEIÇÃO, A. F. Internet pra quê? A construção de capacidades e as tics no processo de desenvolvimento rural. **Tese** apresentada ao PPGDR da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Rural. POA: UFRGS, 2016, 206 f.

COSTA, C. et al. Mulheres na reforma agraria: semeando e colhendo agrobiodiversidade. **Anais do 10º SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – SIEPE**. Unipampa, Santana do Livramento, 6 a 8 de novembro de 2018.

ESCOSTEGUY, A. C. (Org.). **As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (re)configurações de uma ruralidade**. Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2019. Texto eletrônico.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Movimento de Mulheres Camponesas**. Desenvolvido por MDA. Comunicação Integrada, 2010. Disponível em: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/43>>. Acesso em: 12 JUL. 2021.

MUNARINI, A. E.; CINELLI, C.; CORDEIRO, R. P. A luta das mulheres camponesas: da invisibilidade para sujeitos de direito. In: MEZADRI, A. M. M. et al (Orgs.). **Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas**. SP: Expressão Popular, Outras Expressões, 2020, p.13-33.

PAULINO, E. T. Soberania alimentar e campesinato: disputas teóricas e territoriais. **GEOgraphia**, 2015, 17(33), p.177-204.

TÁBOAS, I. M. **É LUTA!** Feminismo Camponês Popular e Enfrentamento à Violência. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Júris, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES

1- Quais foram as principais mudanças que ocorreram em consequência do Covid- 19 para as feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro?

2- Qual foi a estratégia para seguir fazendo feira dentro dos protocolos?

3- Das mudanças ocorridas, qual foi a mais difícil pra vocês?

4- Qual logística tem sido utilizada para que os produtos da feira cheguem até os clientes?

5- Como tem sido para as idosas que fazem feira?

6- Até o momento, alguém do assentamento contraiu o vírus? Caso sim, conte como foi lidar com a situação?

7- Em algum momento vocês tiveram algum prejuízo financeiro em decorrência da pandemia? Caso sim, conte como foi?

8- Para vocês, qual o papel da mulher na garantia da soberania alimentar?

9- Qual é a importância da soberania alimentar em tempos de Covid-19?

10- Qual a importância da agricultura agroecológica X agricultura convencional?

11- Qual é a importância do Feminismo Camponês Popular na agroecologia?

12- Em várias regiões durante a pandemia, aconteceu o aumento da violência contra a mulher no campo, para vocês este aumento é em decorrência do que exatamente?

13- De todas as mudanças ocorridas, quais foram positivas?

14- Conte quais as alterações percebidas quanto aos(às) clientes neste momento?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Lucimara

(Entrevista realizada em 13 de janeiro de 2021 via e-mail)

Em 13 de janeiro de 2021, entrevisto Lucimara, nora de dona Ana, uma das mais antigas feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro, Lucimara tomou frente da feira, para ajudar a família que não poderia mais contar com a matriarca Ana, em decorrência do Covid- 19, pois dona Ana é idosa e não poderia mais fazer a feira. Dona Ana que sempre foi a protagonista da família, agora fica em casa, organizando tudo para a feira e sua nora Lucimara, faz a feira, ela foi uma das primeiras que conseguiu se organizar com grupo de WhatsApp, que hoje é um sucesso. Enviei o questionário por e-mail para Lucimara, ela respondeu e me enviou.

1- Quais foram as principais mudanças que ocorreram em consequência do Covid- 19 para as feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro?

Primeiramente a suspensão da feira coletiva e presencial na treze de maio.

Logo o distanciamento entre feirante e cliente amigo. (esse contato de feirante e cliente é muito mais do que uma simples compra e venda, pois sempre tem a preocupação e carinho de saber como está a saúde e a vida dos amigos e familiares)

Em relação a nossa feira particular no Armour a mesma coisa da feira coletiva na Treze de Maio, porém, optamos em usar a tecnologia a nosso favor. Pois começamos a vender via WhatsApp.

2- Qual foi a estratégia para seguir fazendo feira dentro dos protocolos?

Realizar a venda via WhatsApp e usando máscara e álcool gel, entregando diretamente nas casas dos clientes.

3- Das mudanças ocorridas, qual foi a mais difícil pra vocês?

O distanciamento da feirante e cliente amigo, pois nossa anfitriã não poria mais realizar a feira (DONA ANA). Então a juventude da família assumiu a entrega e gestão da feira.

4- Qual logística tem sido utilizada para que os produtos da feira cheguem até os clientes?

Traçamos a rota da entrega de acordo com o cliente.

5- Como tem sido para as idosas que fazem feira?

Aqui falo sobre nossa feira do Armour

Realizar as tarefas de produzir em casa somente.

6- Até o momento, alguém do assentamento contraiu o vírus? Caso sim, conte como foi lidar com a situação?

Até onde sabemos ninguém do assentamento contraiu o vírus, pois é difícil dizer devido aos assintomáticos.

7- Em algum momento vcs tiveram algum prejuízo financeiro em decorrência da pandemia? Caso sim, conte como foi?

Nós avaliamos que com a nossa nova estratégia de venda nosso financeiro dobrou devido ao aumento de clientes, pois realizando as entregas conseguimos alcançar um número maior de clientes, em consequência disto estamos no limite do fornecimento dos produtos, dito isso, foi o que nós não permitiu continuar com a feira coletiva na treze de maio.

8- Para vcs, qual o papel da mulher na garantia da soberania alimentar?

E fundamental, pois somos nós que sempre queremos o melhor para a família e nosso em torno, não que os homens também não queiram, mas

na maioria das vezes eles sempre querem o mais produtivo e nem sempre o produtivo nos traz benefícios a saúde.

9- Qual é a importância da soberania alimentar em tempos de Covid-19?

A alimentação saudável mantendo a imunidade alta e o corpo imune.

10- Qual a importância da agricultura agroecológica X agricultura convencional?

A importância de alimento saudável.

11- Qual é a importância do Feminismo Camponês Popular na agroecologia?

Extremamente importante, pois a naturalidade feminina sempre busca a melhor forma de vida a todos em nossa volta.

12- Em várias regiões durante a pandemia, aconteceu o aumento da violência contra a mulher no campo, para vocês este aumento é em decorrência do que exatamente?

Essa é uma pergunta bem polêmica e silenciosa.

Não teria como eu ter uma exatidão na resposta, na verdade não tenho uma resposta, e muito complexo a situação de cada caso e tipo de violência.

13- De todas as mudanças ocorridas, quais foram positivas?

O aumento de clientes e conseqüentemente nossa estabilidade financeira melhorada.

14- Conte quais as alterações percebidas quanto aos clientes neste momento?

-

Carmen

(Entrevista com Carmem, dia 15 de abril de 2021 junto com Cassiane via Google Meet)

Para dar continuidade ao trabalho da Renata Allende, quero saber como as feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro se reinventaram para fazer feira em tempos de Pandemia. Em entrevista online, no dia 15 de abril de 2021, com a assentada Carmem, ela me conta as principais alterações na “Arte de Fazer Feira” que o grupo de feirantes teve que fazer para dar continuidade no trabalho.

Solicitei a Carmem que me contasse, quais as feirantes faziam feira antes da pandemia e quais ainda estão fazendo, durante a pandemia? Como está sendo a reorganização das feiras, pelas feirantes?

Carmem me diz: A questão da feira é uma herança, desde em seguida que chegamos aqui em Livramento, uma das atividades econômicas que o assentamento encontrou, foi as feiras, para ter uma renda a curto prazo, pois as outras atividades, eram a longo prazo, as feiras sempre tiveram um bom resultado, tinha a Lúcia Almeida, mãe da Cleide, a Lúcia sempre fez feira, ela leva os produtos nas casas, a muito tempo, ela tem gente conhecida nos hospitais, nas padarias, nos consultórios, tem pessoas que agente não sabe quem é, mas a Lúcia sabe quem é, onde mora, ela ia em tudo que é lugar e arrecadava uma verbinha boa para a família se manter.

Outra mulher que sempre fez feira é a Ivani, mãe da Marta, ela que descobriu aqui no assentamento que era importante fazer feira, ela puxou a frente na família dela, muitas vezes em conjunto com a Olívia, a Olívia junto com a Lúcia, desde o início fazia feira no terminal, antigamente tinha muita encrenca no terminal, a vigilância sanitária, batia e retirava os produtos delas, produtos como o leite, manteiga, queijos. O leite nós vendemos desde que chegamos aqui, sempre foi o nosso meio de sobrevivência, sempre vendemos o leite na feira que tinha na secretária da agricultura, chegou uma época que a vigilância sanitária começou a cobrar, e tiravam delas o que não era permitido, muitas vezes tinha conflito.

A Fátima é outra que sempre faz feira no terminal, pois ela se considera nova, não está na idade de risco, ela não tem 60 anos, ainda, ela continua fazendo feira, os dias que estava muito feia a questão do vírus, ela não vinha, ela se cuida bastante, o legado da Fátima é “A Feira é para Sustentar a Casa, e o Leite é para Pagar as Dívidas”, comenta Carmem. A Olívia passou para a Marli a responsabilidade da feira, só que a Olívia não larga as feiras, ela me diz: Carmem, não podemos parar! Se pararmos o que vai ser? Ela segue ajudando, só não vai, quem vai fazer a feira é a Marli. A Ana não vai fazer feira, quem vai é a Luci, elas abriram uma feira lá no Armour, elas fizeram uma boa relação com os moradores do Armour, tem um grupo de whatsapp para fazer as encomendas que são entregues nas casas. Faz parte do grupo do Armour: eu, a Nair, a Mira, dona Clair, a Cleide, a Léli, a Luci, tem também a Beatriz e a Rute. Carmen fala sobre não ter muitos produtos para levar para fazer a feira, pois ela sempre foi professora, a horta dela é pequena, apenas para o consumo da casa, então, ela leva os produtos das companheiras para vender na feira.

Carmem fala sobre o grupo da economia solidária que surgiu em março ou abril de 2020, este grupo surgiu na volta de uma viagem para Brasília, onde no ônibus elas confabulavam com as companheiras, uma estratégia para as mulheres. O grupo da economia solidária divulga os produtos dos assentamentos, são feitos os pedidos e as entregas nas residências. Carmem me fala que os produtos são entregues uma vez por semana conforme os pedidos, para as companheiras de Rivera, os produtos são entregues na Verônica, a Verônica seria um entreposto, me explica a Carmen, é ali que as companheiras de Rivera pegam as suas encomendas, os demais produtos são entregues na feira da treze de maio, o pessoal vem pegar ou entrego diretamente nas residências, conforme combinado nos pedidos, é a própria Carmem quem faz as entregas. Como diz Carmem “Não dá lucro, mas é divertido”.

Ivani repassa seus produtos para Marli, Ivani não parou, ela só não vai fazer a feira, por ser idosa, Marli faz a feira na sexta-feira no terminal, a Lúcia Faz junto conosco, faz parte do nosso grupo. A Ana é a Lucimara, sua nora, quem faz a feira para ela, lá no Armour, a Fátima segue fazendo feira no

terminal nas quartas-feiras, quinta-feira é a família do senhor César Bertotti que faz feira no terminal, Silvana, esposa do senhor César sempre vinha fazer feira com os filhos pequenos, os gêmeos, hoje em decorrência da pandemia para preservar a família, vem somente o senhor César fazer a feira. Tem também a Rute, ela repassa os produtos para o grupo e também abriu uma feira no Armour para ela, faz feira na sexta-feira.

Após os esclarecimentos prestados pela Carmem, dou início a primeira pergunta do questionário. Quais foram as principais mudanças que ocorreram em consequência do covid-19 para as feirantes do assentamento liberdade no futuro? Carmem me responde: Não priorizamos a feira local, que no meu caso é ali na treze de maio, priorizamos sim, as entregas nas casas, daqueles clientes que fazem parte do grupo de Whatsapp, e fazem suas encomendas, está foi a principal mudança, o grupo de WhatsApp não existia antes da pandemia, foi criado em decorrência da pandemia. O grupo da economia solidária, não foi pensado em decorrência da pandemia, mas sim, para ter uma maior facilidade para fazer as entregas, quando surgiu a pandemia, logo em seguida da criação do grupo, ficou tudo organizado, pois já funcionava as entregas nas casas, antes da pandemia, não havia as encomendas prévias, as encomendas prévias, foram criadas em decorrência da pandemia, facilitando a logística das entregas nas casas, e também no Uruguai. Carmen comenta que as encomendas prévias, está sendo excelente para elas, pois agora elas sabem, exatamente, o que os seus clientes irão comprar, pois já fizeram as encomendas, antes sobrava muito produto, elas não sabiam a quantidade do que realmente, deveriam trazer agora elas trazem exatamente o que foi encomendado, e algum excedente para vender na feira durante o dia, não retornando com os produtos para casa.

Perguntei a Carmem, qual foi a estratégia para seguir fazendo feira dentro dos protocolos do covid-19? Carmem responde: a primeira coisa, que ficou combinado, foi que as mais velhas não deveriam ir fazer feira, elas ajudariam de casa, a feira ficaria para as mais novas, no meu caso, eu ia toda quarta-feira, éramos duas, acabou sobrecarregando, um pouco para mim, porque eu passei a ir sozinha, uma quarta eu ia, e na outra ia a Marli. Usando máscara sempre e bastante álcool gel, para passar nas mãos, a máscara e o

álcool gel é obrigatório, diz Carmem, porém, se vê pessoas nas ruas, sem proteção alguma, procuramos sempre nos proteger.

Das mudanças ocorridas, qual foi a mais difícil para você? Para Carmem o mais difícil é o custo das despesas, que elas têm no deslocamento até a cidade, pois moramos na campanha, a gasolina está cara, não podemos aumentar muito o preço dos produtos, se aumentarmos, não vai ter saída. As estradas estão péssimas, são apenas 25 quilômetros, de um buraco atrás de outro, levamos uma hora para chegar à cidade, devido às condições das estradas, tem o desgaste do automóvel também, “bahhh”, lá em casa me dizem: Isto não está te adiantando muito, olha o custo que tu tem para levar os produtos para cidade, com as entregas a domicílio, gasta o dobro de gasolina, se for pensar pelo lado econômico, é bem complicado, o que é gratificante e satisfatório para nós, é a comunicação com os clientes, poder saber como eles estão, e ter a certeza, que o alimento que estamos levando até eles, é um alimento saudável, livre de veneno, que eles podem consumir com tranquilidade, sabendo que é algo de qualidade. As companheiras, do grupo, ajudam na divisão das despesas, mas esse valor já está defasado, diz Carmem.

Perguntei a Carmem, qual a logística que tem sido utilizada para que os produtos da feira cheguem até os seus clientes? Carmem me fala sobre o que cada uma tem para oferecer e como se organizam, a Olívia faz os pães e as cucas, a Clair tem as mandiocas, a Marli tem os queijos, eu aqui tenho as broinhas, milho verde, abóboras, abóboras descascadas, a Cleide tem pepinos, pepinos em conserva, tem uma senhora que tem pomelos, as Uruguaias adoram pomelo, eu disse para ela, vou vender todos os teus pomelos no Uruguai. Foi organizado conforme a demanda de cada uma, elas trazem aqui em casa, para eu levar, e me ajudam com o combustível, na volta eu chego, é na passada a casa delas, e entrego o valor correspondente a cada uma, ela deixa claro, a importância da união do grupo, pois sozinha ela não teria a variedade de produtos para oferecer a freguesia. Tem uma coisa difícil que eu não falei diz Carmem, quando estamos lá na feira, a primeira hora da manhã, é tranquilo, depois começa a bater o sol, aí tem que dar uma recuada nos alimentos, para não pegar o sol e eles ficam mais escondidos, aí começa a

diminuir o movimento, e já é hora de parar, o local não é apropriado para fazer feira.

E como tem sido para as idosas que fazem feira, Carmem? Ela fala o quanto é difícil, ficar com as idosas em casa, pois elas não querem ficar, a Cleide me fala Carmem, não levem a mãe, ela não pode ir, Carmem tem 59 anos, e diz: o pessoal aqui de casa disse que eu tenho que parar, mesmo assim, eu continuo fazendo feira, ela me diz: eu não posso parar, e as demais, ajudam de casa na organização, o movimento não pode parar. Carmem confessa que tem medo do vírus, e vive lavando as mãos com álcool gel, porém, ela não consegue parar, ela me disse: se eu parar, as feiras param. Comento com ela: “uma puxa a outra, não é Carmem?”, e ela me diz: “empurram, as que ficam em casa empurram, essa é a verdade”, e risos...

Perguntei a Carmem, se até o momento alguém do assentamento, contraiu o vírus, e como foi lidar com a situação? Uma professora contraiu o vírus, no assentamento, ela é diretora da escola Antônio Conselheiro, filha de assentados, teve também, um casal que contraiu, eles estavam na cidade e acabaram contraindo vírus, mas não foi nada grave, fizeram o isolamento, não tiveram complicações, teve uns vizinhos meus que também contraíram, todos ficaram bem, eu sempre digo que para ir à lavoura, não precisa de máscara, estamos do outro lado, Graças a Deus! Os trabalhadores da cidade que devem passar trabalho, tendo que usar máscara, todo dia, complicado.

Perguntei à Carmem, se em algum momento, eles tiveram algum prejuízo financeiro em decorrência da pandemia, e pedi que ela me contasse como foi? Algumas semanas sem ir, fazer feira, em função da pandemia, mais ou menos, um mês, eu estive um pouco enferma, e não fui alguns dias, era muita preocupação com a agroindústria, que estamos montando, o prejuízo, foi não poder levar os alimentos para cidade, para vender, mas aqui na campanha, temos os animais, nada se perde os animais consomem. Muitas fizeram doce, bastante doce, para aproveitar as frutas.

Para você, Carmem, qual o papel da mulher na garantia da soberania alimentar? O papel da mulher é fundamental, se a mulher tem como ajudar a plantar, colocar a sua mão na produção, ela tem condições ajudar para que a soberania alimentar se fortaleça, tanto no sentido de sobrevivência de sua

família, como no repasse dos seus alimentos para outros, Carmen diz: a mulher não pode ficar quieta, só obedecendo que o marido diz, ela precisa ir além, participar, sua emancipação depende disso.

Qual a importância da soberania alimentar, em tempos de covid-19, para você, Carmem? A questão da soberania alimentar, ajuda a fortalecer a imunidade do corpo. Produzir seu próprio alimento ou adquirir alimentos limpos, agroecológico para o consumo, ter uma independência e não precisar depender da produção industrial, é muito importante, principalmente em tempos de pandemia.

Quando perguntei à Carmem, qual a importância da agricultura agroecológica versus a agricultura convencional? Ela me respondeu:

Eu acredito muito, na agricultura agroecológica, que produz sem os insumos químicos e venenosos. Carmem fala que infelizmente, nos assentamentos há uma produção exagerada de soja e outras monoculturas com utilização de veneno, para Carmem é difícil de entender, que um assentado com ideias socialistas, comecem de uma hora para outra, a agir como latifundiários, produzindo alimentos em larga escala, na lógica não vai acontecer. A agricultura familiar tem a responsabilidade de pôr o alimento limpo e de qualidade, na mesa do brasileiro.

Perguntei à Carmem, qual a importância do feminismo camponês popular na agroecologia? Quando falo de feminismo camponês popular, Carmen diz: eu gostei dessa frase! Desde que eu comecei a participar do movimento, tem essa discussão de gênero, sabiamente, as pessoas discutiam no sentido da valorização da mulher, pelo que ela é, e o que ela pode fazer, inclusive, dando espaço nas instâncias do movimento, nas responsabilidades, tanto nas atividades femininas, como masculinas, mesmo sabendo que na prática, não existe este espaço, mas, sempre se faz o esforço de incluir as mulheres em tudo. Lutar pelo feminismo hoje em dia, está muito atual, eu pensei que como o tempo, não seria mais necessário discutir o feminismo, pensei que os jovens já iam crescer entendendo isso, mas, parece que não, por incrível que pareça, é preocupante, que estes valores que estavam lá no passado, voltem na cabeça dos jovens, infelizmente, não estamos livres das pessoas não acreditarem na igualdade de gênero.

É o conceito que a via Campesina assumiu para si. O feminismo que luta pela igualdade de direito entre mulheres e homens, o feminismo, que luta pela classe trabalhadora, que luta pelo campesinato, com base na agroecologia.

Perguntei à Carmem, qual era sua opinião, sobre a violência no campo em tempos de pandemia, tendo em vista que, em várias regiões durante a pandemia, aconteceu o aumento da violência contra mulher no campo, para você, esse aumento é em decorrência do que exatamente? Carmem me diz: a violência aumentou no geral, mas no campo também, e ela faz um comentário sobre uma companheira, ela era de Manoel Viana, assentada, foi morar em Tupã, seu nome era Ana Leite, pode parecer para a sociedade, que ela tirou sua vida, mas tirou sua vida por quê? Se ela estava com Medida Protetiva, para evitar que sofresse violência por parte do ex-companheiro dela. Para Carmem o motivo da pandemia não justifica o aumento da violência no campo, pois, para quem é agricultor, não mudou nada, seguimos com os mesmos afazeres de sempre, trabalhando juntos.

Perguntei à Carmem, de todas as mudanças ocorridas, quais foram positivas no período da pandemia? Houve um envolvimento maior, em questão da pandemia, foram criados novos grupos, grupo de economia solidária, o grupo que a Cassiane criou agora, “Tem Gente Com Fome em Livramento”, assembleias online, estamos em isolamento, porém, interagindo à distância. Houve um envolvimento bem maior, entre as companheiras.

Pedi a Carmem, que ela me contasse sobre as alterações percebidas, quanto aos clientes, nesse momento de pandemia: Eu notei que outras pessoas se envolveram com esses grupos pessoas diferentes, clientes diferentes, observei também, que tem dias do mês, que as pessoas têm mais condições de fazer feira, quando chega o final do mês, não se vende quase nada, muito pouco, nos últimos dias do mês, até mesmo no grupo de WhatsApp, tem bem pouca encomenda, os clientes estão com muita dificuldade financeira, é como a Marli dizia outro dia, as pessoas estão com dificuldade financeira, não vamos entrar no grupo da fome, porque nós somos as que estão com fome, Carmem disse a ela, então, vamos entrar e solicitar ajuda.

Finalizo com a Carmem, me despedindo e ela me diz modestamente, não sei muita coisa, espero ter contribuído, imagina, se a Carmem não sabe o

que ela deixa para mim então, foi enriquecedora a entrevista com a Carmen, cada detalhe, experiência de vida, contada, só tenho a agradecer a contribuição prestada pela Carmem na entrevista. Obrigada!

Loreci

(No dia 27, de abril de 2021, terça-feira, entrevisto Loreci pessoalmente no local de feira dela)

Me desloco até ao terminal de ônibus, que fica na rua Tamandaré, onde entrevisto a senhora Loreci, cunhada da senhora Ivanir, assentada do assentamento Liberdade no Futuro, localizado no Cerro dos Munhoz, rural de Santana do Livramento. Ao chegar na banca da Loreci me vem à mente que essas pessoas precisam de um lugar apropriado, para realizar a feira, aquele não seria o melhor lugar para uma feira levando em consideração as condições climáticas, os dias de inverno rigoroso, o sol forte no verão à tarde, o ideal seria num local abrigado para que elas tivessem maior comodidade pois ficam ali mal acomodadas, sentadas em um banquinho ao relento sei que o movimento naquele local é muito bom, por esse motivo, até hoje eles permanecem realizando a feira no terminal de ônibus. Ao iniciar a entrevista explique a Loreci que esta entrevista se dará em decorrência do covid-19, momento em que estamos vivendo hoje e que preciso saber como está sendo para as feirantes do assentamento Liberdade no Futuro realizar a feira durante a pandemia.

Começo com a primeira questão, quais foram as principais mudanças que ocorreram em consequência do covid-19, para as feirantes do assentamento liberdade no futuro? Loreci responde: baixou muito o público, tem dias que não consigo defender nem o valor da gasolina. Loreci comenta que vinha todas as terças-feiras fazer feira no terminal antes da pandemia, porém em decorrência da pandemia agora venho apenas nas terças-feiras que tenho algo para fazer na cidade, só para fazer feira, não venho mais, pois a estrada está muito feia, são apenas 20 e poucos quilômetros, porém, levamos uma hora para chegar, toda hora tem que parar é um buraco, atrás do outro, me organizo conforme o que tiver para fazer na cidade. Tenho feito feira de 15

em 15 dias, quando dá, venho todas as semanas, não é sempre, pois não vale a pena, antes do covid-19, era bem diferente, a feira dava lucro, tinha público, as pessoas procuravam, hoje, é bem diferente, pouca procura, poucas vendas, os clientes compram o mínimo.

Pergunto à Loreci qual foi a estratégia para seguir fazendo feira dentro dos protocolos do covid-19? Loreci responde: O principal é a higienização com álcool gel e utilização da máscara e o distanciamento. Antes eu sempre vinha todas as terças, a feira sempre foi boa, Loreci criou um filho, que hoje tem 9 anos, e terminou de criar outro que hoje tem 24 anos e é casado com dinheiro da feira, Loreci faz feira no terminal de ônibus há 10 anos. Das mudanças ocorridas, qual foi a mais difícil para você? Loreci responde: o medo do vírus, enfrentar a cidade com o medo do Contágio devido aos problemas de saúde que já teve, pois Loreci já teve embolia pulmonar e seu marido é hipertenso.

Perguntei à Loreci, qual a logística que tem sido utilizada para que os produtos da feira cheguem até os seus clientes? Ela me respondeu: para mim segue a feira na rua não consegui interagir pelo WhatsApp é novo para mim, recentemente comecei a usar, nunca anotei o contato dos clientes, então não consigo me comunicar com eles de outra forma, a não ser que eles venham até mim aqui no terminal no dia da feira. E como tem sido para as idosas que fazem feira? As idosas ficam em casa, deixamos para as mais novas vir fazer feira. Pergunto à Loreci, se até o momento alguém do assentamento contraiu o vírus e como foi lidar com a situação? Lá no assentamento uma mulher pegou o vírus, fez isolamento em casa, hoje está bem quando ela pegou não tivemos contato com ela, na campanha é mais fácil, as casas ficam longe, umas das outras, e quando ela testou positivo se isolou, ninguém chegou perto.

Perguntei à Loreci, se em algum momento eles tiveram algum prejuízo financeiro em decorrência da pandemia e pedi para que ela me contasse como foi? Sim, tivemos todo aquele tempo do início da pandemia que não podia fazer feira, era proibido, não se vendeu nada, eu não vendi nada, então, tudo que foi produzido naquela época, foi utilizado no dia a dia da casa, o que sobrou foi para os animais para não se perder, lucro, não tivemos nenhum, pois não foi feita a feira. Perguntei à Loreci, para você qual o papel da mulher na garantia da soberania alimentar? É a mulher quem produz e organiza tudo o homem é

mais preguiçoso, lá em casa quem organiza a feira sou eu, meu marido só me ajuda a lidar na terra, eu acho muito importante o papel da mulher.

Qual a importância da soberania alimentar em tempos de covid-19 para você? Poder oferecer aos meus clientes uma produção saudável, natural e de qualidade, contribuindo com o fortalecimento da Saúde deles, é muito importante. Pergunto a Loreci, qual a importância da agricultura agroecológica versus a agricultura convencional? Ela me responde: Na nossa horta não se põe nada de veneno, tudo é natural, esse é o nosso diferencial, não produzimos com veneno, nossos clientes e nossas famílias se alimentam de um produto limpo. Para Loreci produzir um produto limpo livre de veneno, garante o bem-estar e a saúde daqueles que consome esse alimento.

Pergunto à Loreci, qual a importância do feminismo camponês popular na agroecologia?

A mulher é fundamental para a produção do alimento limpo, é ela que preserva seu território não permitindo o uso de veneno, sempre lutando pelo direito a Terra, a informação, o sustento de nossas famílias. Perguntei a Loreci, em várias regiões durante a pandemia aconteceu o aumento da violência contra a mulher no campo, para você, este aumento é em decorrência do quê exatamente? Ela me responde: é que antes era abafado, agora não, está aparecendo mais, devido às denúncias que antes não ocorria, e hoje a mulher está procurando Socorro, coisa que não acontecia antigamente.

Perguntei à Loreci, de todas as mudanças ocorridas quais foram positivas no período da pandemia? Ela me respondeu: que para ela foi o auxílio emergencial que o governo liberou, ajudou muito nas despesas da casa. Pedi à Loreci que ela me contasse sobre as alterações percebidas quanto aos clientes neste momento de pandemia, Loreci me fala que aproximadamente 50% dos clientes desapareceram, alguns nunca mais vi, por medo do vírus ou por serem idosos não saem mais para rua, ficam em casa, outros não aparecem por falta de dinheiro mesmo.

Fátima

(Na quarta-feira, dia 28 de abril de 2021, foi o dia de entrevistar a Fátima pessoalmente, no seu local de feira)

Um dia de outono bem friozinho, deu para sentir um pouco do que as feirantes sentem com a mudança de temperatura no dia a dia de fazer a feira no terminal de ônibus da Rua Tamandaré, imagino no inverno quanto frio elas enfrentam. Quando pergunto a Fátima quais foram as principais mudanças que ocorreram em decorrência do covid-19 para as feirantes do assentamento Liberdade no Futuro? Ela me responde, no início da pandemia não podia vir, baixou bastante à venda, agora que podemos vir fazer feira, os clientes idosos não estão vindo, eles eram os nossos principais clientes, muito calmo o movimento, diminuiu bastante. As reuniões na comunidade não acontecem mais, hoje está tudo fechado, estamos isolados. Fátima diz: pelos meus filhos eu não venho mais para cidade fazer feira, pois tenho pressão alta, faz 17 anos que Fátima faz feira no terminal de ônibus na Rua Tamandaré, um ponto fixo, que ela tem todas as quartas-feiras, está acostumada a ganhar o seu dinheiro, e a ajudar no sustento da casa, não consegue parar.

Perguntei à Fátima qual foi a estratégia para seguir fazendo feira dentro dos protocolos? Ela me responde: tomo todos os cuidados uso máscara, muito álcool gel, e consegui me organizar pelo WhatsApp, nas terças-feiras os clientes me pedem e na quarta-feira eu entrego, é só entregar, eu entrego aqui no terminal mesmo, eles passam de carro e eu alcanço os produtos, já está tudo certo, trago prontinho, eles não precisam nem descer do carro, já sabem o valor, passei por WhatsApp para eles, o excedente que eu trago vendo aqui na feira.

Perguntei à Fátima, das mudanças ocorridas qual foi a mais difícil para vocês? Ela me respondeu, o movimento diminuiu bastante, o número de pessoas que compram também, antes isso aqui era um fervor, o pessoal comprava, agora as pessoas compram só o básico, falta dinheiro. Perguntei a Fátima, qual a logística que tem sido utilizada para que os produtos da feira cheguem até os clientes? Fátima me diz que a utilização do WhatsApp ajudou muito, pois agora ela organiza todos os pedidos, um dia antes, e não traz muito excedente para vender, pois não está tendo muita saída os produtos. Fátima também entrega para as fruteiras em grande quantidade, conforme a

encomenda da semana, eles deixam a primeira hora da manhã nas fruteiras, antes de vir para feira, à entrega nas fruteiras continua tudo igual, só diminuiu a quantidade.

Perguntei à Fátima, como tem sido para as idosas que fazem feira? As idosas ficam em casa as mais jovens trazem para venda os produtos da feira, e assim tem sido. Perguntei a Fátima se até o momento alguém do assentamento havia contraído o vírus e como foi lidar com a situação? Fátima respondeu duas pessoas contraíram o vírus, não foi grave, ficaram em isolamento domiciliar. Perguntei à Fátima se em algum momento durante a pandemia ela teve algum prejuízo financeiro, pedi que ela me contasse como foi? Fátima respondeu que a venda na feira caiu bastante, ela também trabalha com leite, porém o leite não parou, Fátima diz que o leite paga as dívidas e a feira paga as despesas da casa.

Para você Fátima, qual o papel da mulher na garantia da soberania alimentar? A mulher segue lutando da mesma forma, ela não se entrega, está sempre lutando para produzir algo saudável em benefício de todos. Para você Fátima qual a importância da soberania alimentar em tempos de covid-19? Fátima responde: como seria bom, se todos pudessem comer saudável, os clientes já estão mudando os hábitos alimentares buscando o saudável. Para você Fátima qual a importância da agricultura agroecológica versus agricultura convencional? Fátima diz que sempre lutou para produzir sem agrotóxico, ela comenta que sitiada pela soja cultivada pelos vizinhos acaba contaminando sua horta, a invasão da monocultura é um problema para nós.

Perguntei à Fátima qual a importância do feminismo camponês popular na agroecologia? Ela me respondeu, que a mulher está sempre na linha de frente, e que para elas, a troca de experiências e a ajuda da Emater, está sendo muito importante, para não “Dar com os Burros Náguas”. Perguntei a Fátima: Em várias regiões durante a pandemia, aconteceu o aumento da violência contra mulher no campo, para você, esse aumento é em decorrência do quê exatamente? Sempre existiu, só não vinha à tona, agora com o telefone celular é mais fácil de denunciar e ter acesso às informações, por este motivo aumentou.

Perguntei à Fátima, de todas as mudanças ocorridas quais foram positivas? Ela me respondeu, que puderam se organizar melhor em cima dos lotes, ela vem observando que o pessoal da cidade está começando a plantar com a pandemia, ocupando o tempo em casa, decidiram cultivar algumas verduras básicas, ela fica contente e acha positivo. A organização da feira pelo grupo de WhatsApp é algo bastante positivo, pois agora ela sabe exatamente o que está vendido, as encomendas chegam com antecedência, ela pode organizar tudo antes de ir para cidade fazer a feira.

Pedi para que Fátima me contasse quais as alterações percebidas quanto aos clientes neste momento? Ela me respondeu, eles estão plantando o básico em suas residências, e comprando o básico também, Fátima comenta que as pessoas estão comprando bem menos. Consegui perceber que naquele momento da entrevista pessoas passavam e não chegavam, apenas uma pessoa chegou, pediu a Fátima, um queijo fiado, para pagar na próxima semana, Fátima aceitou, então, foi neste momento, que deu para perceber a realidade da falta de poder aquisitivo, dos clientes da feira.

Marli

(Entrevista com a assentada Marli no dia 26/05/2021, via whatsapp)

Marli me responde quais foram as principais mudanças que ocorreram em consequência do covid-19 para as feirantes do assentamento liberdade no futuro: Tivemos que nos reorganizar, só ia para cidade as que tinham menos problemas de saúde e eram mais jovens. Além disso, nos organizamos para fazer as entregas coletivas. E as nossas freguesas também se reorganizaram, criamos grupos de whats e Facebook para fazermos as vendas, criamos o grupo de economia feminista solidária, as entregas começaram a serem feitas de casa em casa, e na casa da Verônica no Uruguai. Quero acrescentar que esses grupos criados serviram também para fazer trocas, vendas e para socorro das famílias em vulnerabilidade social. Arrecadamos alimentos, roupas e calçados, arrecadamos também valores para pagar água, luz e aluguel. E também socorremos mulheres em situação de violência doméstica. Então houve uma organização campo e cidade, somos fornecedoras do programa

tem fome em livramento e participamos de todas as doações de alimento via MST e Coperforte.

Qual foi a estratégia para seguir fazendo feira dentro dos protocolos do covid-19? Afastar as idosas das feiras, para preservar a saúde das mesmas, manter o distanciamento e usar máscara e álcool gel.

Qual foi a mudança mais difícil para você? A mudança mais difícil foi à falta de contato com os clientes, causado pelo distanciamento social. A falta de dinheiro dos consumidores, a perda do poder de compra do salário mínimo, o que está levando as pessoas a diminuir o consumo inclusive de alimentos.

Qual a logística que tem sido utilizada para que os produtos da feira cheguem até os seus clientes? Entrega a domicilio em veículos particulares. Como tem sido para as idosas que fazem feira? Os produtos são levados até a casa de quem vai levar. E está distribuído na cidade, só no Uruguai que as pessoas buscam na casa da Verônica. Também temos o ponto de venda no terminal do ônibus. As idosas não vão pra cidade, também trazemos produtos do mercado pra quem encomenda, é bem trabalhoso pra quem vai.

Até o momento alguém do assentamento contraiu o vírus e como foi lidar com a situação? No nosso assentamento, ninguém. Só nos assentamentos vizinhos.

Em algum momento tiveram algum prejuízo financeiro em decorrência da pandemia, como foi? Sim, poucas vendas e o aumento no valor dos combustíveis, manutenção de veículos, nas embalagens, sementes e insumos

Para você qual o papel da mulher na garantia da soberania alimentar? No nosso caso são as mulheres que mais trabalham com as miudezas como falamos, além de sermos nós que preparamos a alimentação das famílias.

Qual a importância da soberania alimentar em tempos de covid-19 para você? Quanto menos pudermos adquirir de terceiros, melhor nós alimentamos, além de não haver escassez.

Qual a importância da agricultura agroecológica versus a agricultura convencional? A diminuição de uso de insumos. A não contaminação do meio ambiente e do próprio ser humano.

Qual a importância do feminismo camponês popular na agroecologia? É a liberação e independência das mulheres. Além do consumo de alimentos saudáveis e garantir uma boa saúde.

Em várias regiões durante a pandemia aconteceu o aumento da violência contra a mulher no campo, para você, este aumento é em decorrência do quê exatamente? Olha no campo sempre tivemos o difícil acesso a tudo, inclusive de circulação. Mas com a pandemia isso aumentou porque as pessoas ficaram mais em casa e está dificuldade de acesso aumentou inclusive pra fazer uma denúncia, boletim de ocorrência... Acesso aos postos de saúde, as escolas fechadas.

De todas as mudanças ocorridas quais foram positivas no período da pandemia? Aí está difícil, as ajudas mútuas, a solidariedade entre as pessoas sobre as alterações percebidas quanto aos clientes neste momento de pandemia, me conta? Muitas pessoas morrendo, como se estivessem sumindo do mundo, diminuíram o consumo até de alimentos, muitas tristezas e morte, cada vez mais querem receber os produtos em casa, a feira era um local de encontro, muitas vezes orientamos as mulheres a buscarem seus direitos e fazer denúncias isso acabou.

Marli, só para complementar antes da pandemia você fazia feira presencial? Sim.

Onde? Na Treze de Maio, 321 e no terminal de ônibus.

Agora, só no grupo? Ou tem alguém que faz feira presencial para você? Eu continuo fazendo no terminal, cada dia da semana tem uma família fazendo

Que dia você faz? Na sexta-feira.